

**Marlene de Fátima Sabino Silva
Maria do Socorro Oliveira**

**Teresa Brasileira:
resgate de uma história de vida
pessoal, familiar e social**

Teresa Brasileira:
resgate de uma história de vida
pessoal, familiar e social

**Marlene de Fátima Sabino Silva
Maria do Socorro Oliveira**

**Teresa Brasileira:
resgate de uma história de vida
pessoal, familiar e social**



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Marlene de Fátima Sabino Silva; Maria do Socorro Oliveira

Teresa Brasileira - resgate de uma história de vida pessoal, familiar e social.
São Carlos - Pedro & João Editores, 2021. 117p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-5869-600-1 [Impresso]
978-65-5869-604-9 [Digital]

1. Teresa Brasileira. 2. História de vida. 3. História familiar. 4. Avó. I. Título.

CDD – 800

Capa - Petricor Design

Ficha Catalográfica - Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8 - 8828

Diagramação - Diany Akiko Lee

Editores - Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2021

Lembranças da nossa avó
Lembranças de Marlene (primeira neta)

Como ela me observava na adolescência e dava suas preciosas dicas de beleza.

Incentivo para que eu me dedicasse aos estudos para me formar e ser professora.

Lembranças de Socorro (neta)

O amor e a sinceridade.

Incentivo para estudar.

Incentivo para uma viagem em Foz do Iguaçu, já nos seus últimos dias de vida, quando conclui o segundo grau, hoje ensino médio.

Doação do rádio por meio do qual ela ouvia as missas, principalmente no seu retorno das viagens de São Vicente para o Sítio Pimenteira.

Meu presente de aniversário todos os anos. A forma como me ensinou a lavar roupas, principalmente as roupas brancas.

Dedicatória

A todas as avós que dedicam amor e carinho aos seus netos.

Agradecimentos

Agenor Batista de Melo
Célia Maria Medeiros (neta)
Francisca Maria de Oliveira (sobrinha)
Francisca Sinhá (sobrinha)
Glória Gabrielle de Oliveira Gomes Lopes (bisneta)
Gorete Santana
Jailma Santana
João Vicente Neto (genro)
Joana Maria de Medeiros (sobrinha)
Leão Geraldo (amigo)
Lindalva Cândido Bezerra (afilhada)
Margarida Maria da Costa (filha)
Marlene de Fátima Alves (neta)
Maria Anaíde de Oliveira (sobrinha neta)
Maria de Fátima de Oliveira Gomes (neta)
Maria Edite de Araújo (sobrinha)
Maria Ione de Medeiros (neta)
Maria José da Trindade de Oliveira (sobrinha)
Maria José de Medeiros (neta)
Maria Teresa da Silva (neta)
Marilene de Araújo (sobrinha)
Raimunda Marli da Silva (neta)
Rita de Cássia da Trindade (sobrinha)
Roseane Trindade (sobrinha)
Severino Sabino da Silva (genro)
Teresa Cristina de Medeiros (bisneta)

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização do sonho de publicar esta obra.

Prefácio

Fui surpreendida com a difícil e honrosa tarefa de prefaciар este livro de memórias que resgata a história simples, porém marcante, de Vovó Teresa. Uma história resgatada e narrada pelas lentes de duas de suas netas – Marlene de Fátima Sabino Silva e Maria do Socorro Oliveira.

O livro “Teresa Brasileira: resgate de uma história de vida pessoal, familiar e social” rememora a trajetória de uma mulher forte, destemida, corajosa, cheia de atitudes, amada e respeitada por todos que a conheceram e tiveram a felicidade de conviver com ela durante a sua vida aqui na terra.

Ao ler as narrativas a cerca desta mulher, carinhosamente chamada de “vovó Teresa”, o leitor poderá perceber que o sujeito não é apenas fruto de seu tempo histórico e das relações sociais em que está inserido, mas, também, um ser singular e único, que atua no mundo a partir do modo como o compreende e como dele lhe é possível participar.

As autoras utilizam uma linguagem simples, porém envolvente. Sem falar na disposição gráfica das imagens e ilustrações presentes nos diversos capítulos que compõem o livro, o que facilita o resgate da memória dos fatos narrados e representados em cada página, de modo que, apesar de ter mais de 100 páginas, a leitura é fluente e prazerosa. As cenas são bem descritas e os fatos narrados permitem que todas as emoções sejam passadas das páginas para o leitor.

Como se não fosse perfeito o suficiente, a obra ainda proporciona ao leitor o resgate de costumes da época, tais como os citados a seguir. Vejam-se:

“Na véspera do casamento, a noiva teve que sair da sua casa, no Sítio Pimenteira, montada em um cavalo, acompanhada dos seus irmãos e do

seu pai. Eles pernoveram na casa do noivo, em São Vicente. No dia seguinte, de madrugada, partiram com destino à cidade de Acari, todos montados em seus cavalos. Pessoas da família acompanhavam os noivos [...], além de outros convidados, todos montados em seus cavalos, um cavaleiro ia na frente levando as malas dos noivos. Enquanto isso, na casa do noivo, pessoas da família e vizinhos preparavam a festa, junto com a mãe dele, a senhora Isabel (Biluca).” (p. 21).

“Naquela época, era costume as mulheres passarem até 7 dias, após o parto sem tomarem um banho completo, faziam apenas um banho de asseio e também não se levantavam da cama no decorrer desses 7 dias. No sétimo dia, elas tomavam o primeiro banho, conhecido como o banho morno, sem molhar a cabeça, pois acreditavam que poderiam quebrar o resguardo e ficarem doentes para o resto da vida, o sangue poderia subir para a cabeça, provocar um derrame, chegando até a morte. Ao completar 22 dias do nascimento do bebê, elas tomavam o primeiro banho frio com direito a molharem todo o corpo.” (p. 37).

Folheando as páginas deste livro, também nos deparamos com a narrativa em que as autoras descrevem a aquisição da primeira televisão em preto e branco por uma das moradoras do Sítio Pimenteira, a professora Lourdinha:

“Na década de 70, os habitantes do Sítio Pimenteira tiveram a oportunidade de conhecer uma televisão em preto e branco, que foi comprada pela professora Lourdinha, já que a maioria dos moradores daquele lugar nunca tinham visto uma TV. Foi um grande acontecimento para aqueles moradores, os jovens começaram a ir todas as noites assistir às novelas, mas também iam crianças e adultos. A casa ficava cheia de pessoas. Elas achavam aquilo uma coisa extraordinária, nunca vista antes.” (p. 62).

As autoras conseguem tocar o leitor profundamente com uma riqueza de detalhes emocionantes da vida de vovó Teresa, especialmente os descritos nos capítulos 10 “Amor de vovó Teresa aos seus netos”, 14 “A devoção de vovó Teresa a Nossa Senhora” e o capítulo 16 “A partida de vovó Teresa para a eternidade”.

É com orgulho e grata satisfação que recomendo o conteúdo da presente obra para todos os amantes da boa leitura, especialmente para os parentes, amigos e familiares da inesquecível e amável vovó Teresa, uma mulher que viveu no seu tempo e deixou um legado de dedicação, amor, humildade e devoção que ultrapassa as fronteiras de seu tempo e de sua época.

O livro me trouxe lágrimas, risadas e reflexões. Espero que muitos outros sintam as mesmas emoções que senti ao lê-lo. Boa leitura a todos e todas!

Maria de Fátima Silva dos Santos

Sumário

Introdução	17
Capítulo 1 - O pai de vovó Teresa	19
Capítulo 2 - Juventude e casamento de vovó Teresa	23
Capítulo 3 - Casamento de vovó Teresa e de vovô Zeca	25
Capítulo 4 - Casamento das irmãs de vovó Teresa	31
Capítulo 5 - A morte do pai de vovó Teresa	35
Capítulo 6 - Adaptação de vovó Teresa ao casamento e ao nascimento dos seus filhos	37
Capítulo 7 - Morte prematura de alguns dos filhos de vovó Teresa	45
Capítulo 8 – O comércio de vovó Teresa	49
Capítulo 9 - A vida profissional de algumas das filhas de vovó Teresa	59
Capítulo 10 - Amor de vovó Teresa aos seus netos	69
Capítulo 11 - Amigos mais próximos de vovó Teresa	81
Capítulo 12 - A páscoa na casa de vovó Teresa	85

Capítulo 13 - A construção do tanque de vovó	89
Capítulo 14 - A devoção de vovó Teresa a Nossa Senhora	93
Capítulo 15 - A juventude e o casamento de algumas das netas de vovó	101
Capítulo 16 - A partida de vovó para a eternidade	105
Capítulo 17 - Descendência de vovó Teresa e vovô Zeca	109
Anexos	115

Introdução

Este livro foi escrito por duas netas da senhora Teresa Brasileira de Araújo (Socorro e Marlene), por isso a expressão vovó Teresa ou vovó em algumas partes do livro). O livro foi escrito em um período de quarentena por causa da pandemia provocada pelo Corona Vírus. A narrativa é ilustrada com fotos cedidas exclusivamente para esta obra pela família e por outras pessoas amigas que ainda residem no Sítio Pimenteira.

O livro é constituído por 18 breves capítulos. O primeiro narra a chegada do senhor Manoel Rosendo de Araújo (o pai de vovó Teresa) ao Sítio Pimenteira, ou seja, faz-se uma contextualização das origens desse lugar. O segundo narra a juventude de vovó e como ela conheceu vovô Zeca. O terceiro narra o casamento deles. No quarto capítulo é feita uma narrativa do casamento das irmãs de vovó Teresa. No quinto, é feita uma breve narrativa da morte do pai dela. No sexto, mostra-se a adaptação de vovó Teresa ao casamento e ao nascimento dos seus filhos. Nesse capítulo também é apresentada a forma como as mulheres viviam os resguardos lá no Sítio Pimenteira.

No sétimo capítulo, é narrada de forma muito breve a perda de três dos filhos de vovó. No capítulo oito, é feita uma narrativa sobre a origem e o desenvolvimento do comércio de vovó, incluindo suas viagens do Sítio Pimenteira para São Vicente e de São Vicente para o Sítio Pimenteira. Além de incluir boa parte do seu ciclo de amizade.

No nono capítulo, destaca-se a vida profissional de algumas das filhas de vovó Teresa, principalmente de Nazaré, comerciante e de Lourdinha, professora que contribuiu para a fundação e manutenção do grupo escolar do Sítio Pimenteira.

No décimo capítulo, faz-se uma demonstração do amor de vovó aos seus queridos netos, bem como alguns acontecimentos que foram

marcantes na vida deles. Em alguns, vovó teve uma imensa participação.

No décimo primeiro capítulo são apresentados alguns dos amigos e amigas mais próximos de vovó, incluindo alguns dos que trabalharam na casa de farinha e nos roçados, além de algumas das suas queridas amigas.

No décimo segundo capítulo é feita uma apresentação da forma como era comemorada a páscoa na casa de vovó. Com ênfase na preparação das comidas e na manutenção de algumas crenças religiosas e tradições sociais. No décimo terceiro capítulo é apresentado um tanque construído por vovó Teresa, próximo a sua residência para possibilitar a ela, a sua família e aos vizinhos usarem água limpa para o uso doméstico e a lavagem de roupas.

No décimo quarto capítulo é feita uma narrativa da participação de vovó Teresa no Apostolado da Oração em São Vicente e da realização do novenário do mês de maio no Sítio Pimenteira.

No décimo quinto capítulo são apresentadas fotos da juventude e do casamento de algumas das netas de vovó Teresa.

O décimo sexto capítulo, e o mais difícil de ser elaborado, aborda a partida de vovó para a eternidade (a sua morte) e, finalmente, no décimo sétimo, apresenta-se a árvore genealógica, ou seja, descendência de Teresa Brasileira de Medeiros e José Martins de Medeiros (nossos queridos avós).

Nos anexos são apresentadas três entrevistas de pessoas que moraram na casa de vovó - Teca (neta), Anaíde (sobrinha neta) e Lindalva (afilhada e filha de uma amiga e vizinha de vovó, dona Edite).

Ressaltamos que esta primeira edição é a realização de um sonho que pensamos juntas enquanto netas e autoras do livro, aceitamos sugestões e mais informações sobre vovó Teresa para, se possível, publicarmos futuras edições.

Capítulo 1

O pai de vovó Teresa

Pelas décadas de 1900, aproximadamente, Manoel Rosendo de Araújo, jovem agricultor, muito dedicado ao trabalho, natural do município de Carnaúba dos Dantas, Rio Grande do Norte-RN, residia no Sítio Águas Belas, casado com uma jovem senhora, chamada Isabel Cidalina de Araújo, ela pertencia à família Domingos. Deste casamento nasceram seus cinco filhos - Maria Isabel de Araújo, Francisca Auta de Araújo, Raimundo Rosendo de Araújo, José Rosendo de Araújo e Teresa Brasileira de Araújo. Teresa nasceu em 1906.

Em uma de suas visitas à comunidade Riacho da Luiza, atualmente São Vicente, RN, o senhor Manoel Rosendo ouviu falar a respeito de umas terras desabitadas que existiam em cima de uma grande serra. Então, ficou muito interessado e tratou logo de conhecer esse lugar. E, ao chegar em cima dessa citada serra, deparou-se com uma imensidão de terras férteis para o plantio da lavoura e a criação de animais.





Foto1 - Serra de Santana. Fonte: Roseane Trindade.

Mas o que mais lhe chamou a atenção foi um pé de pimenta muito grande que ali existia. Então, o senhor Manoel Rosendo pensou imediatamente que o lugar seria chamado de Pimenteira. E, assim, a sua ideia se concretizou, esse local até os dias atuais é denominado de Sítio Pimenteira, localizado no município de Santana do Matos, RN.

A partir desse momento, ele resolveu construir uma casinha de taipa e criar alguns animais, dentre estes, bodes, ovelhas, galinhas, vacas e porcos. Em seguida, passou também a produzir muito queijo.



Foto 2 - Casa construída pelo pai de vovó Teresa.
Fonte: ilustração de Glória Gabrielle (bisneta).

Com o passar dos tempos o senhor Manoel Rosendo passou a conhecer outras famílias que também passaram a habitar aquela região, dentre estas, Faustino, Geraldo, Cachimbo, Limão e Santos. Assim, ele foi trabalhando, e como já possuía alguns bens, foi conseguindo prosperar. Desse modo, tornou-se o homem que tinha mais poder aquisitivo (posses) naquela época. Era um homem severo em suas decisões, considerado por alguns moradores, como conservador e arrogante, por isso era visto como um dos coronéis daquela época.

Naquele tempo as pessoas passavam muitas necessidades, até mesmo fome, por isso, muitas vezes, iam à casa de Manoel Rosendo pedir trabalho à custa de comida. A seca naqueles tempos era terrível, os moradores locais não tinham como plantar nada. As crianças não dispunham nem mesmo de comida ou água potável para beber. Não tinham nem um simples trapo para protegê-las do frio no decorrer da noite.

Só para ilustrar o que foi informado no parágrafo anterior, diz-se que no sítio Guedes, vizinho ao Sítio Pimenteira, existia uma cruz de uma menina moça, da família Cachimbo, que morreu de fome.

Conta-se a história de que essa menina moça passou dias sem ter nada para comer e assim foi ficando tão fraquinha que seus pais, desesperados, foram a um lugar onde tinha um antigo roçado e encontraram umas bargens (vargens) de feijão murchas que nem caroços tinham. Chegando em casa, os pais dessa menina já foram colocando essas bargens no fogo para fazerem um caldo. Mas, infelizmente, quando o caldo ficou pronto que foram alimentá-la, ela não tinha mais vida.

Era de costume a esposa do senhor Manoel Rosendo, Isabel, ir rezar com outras mulheres na cruz que indica o local do falecimento dessa menina moça, uma delas era a sua grande amiga, dona Antônia, esposa do Senhor Faustino (Seu Faustino), com a intenção de pedir a proteção e a misericórdia de Deus para àquela gente tão sofrida, e, principalmente, para as crianças e jovens.

Diante dessa situação tão devastadora, o senhor Manoel Rosendo resolveu cavar um grande poço em um olho d'água que existia

próximo à casa onde ele morava, até hoje é conhecido como o olho d'água da Pimenteira, nesse poço as famílias vinham retirar água tanto para beber quanto para cozinhar e também para os animais.



Foto 3 - Olho d'água da Pimenteira. Fonte: Jailma Santana.

O senhor Manoel Rosendo chegou a receber a visita de Manoel Batista de Moraes, conhecido como Antônio Silvino e também de seu bando, considerado inimigo de Lampião. Eles vinham prosear sobre suas vidas de cangaceiros, além de jogar baralho e comer carne de bode assada com queijo.

Capítulo 2

Juventude e casamento de vovó Teresa

Vovó Teresa, filha de Manoel Rosendo, juntamente com seus irmãos foram crescendo e chegando à juventude. Nessa época, vovó era uma linda moça de cabelos loiros e olhos verdes. O seu olhar era muito marcante. Ela era uma jovem moça muito obediente aos ensinamentos dos seus pais. Portanto, começou a ser notada pelos jovens rapazes. Assim, a sua beleza e a beleza das suas irmãs chamavam muito a atenção. Como o seu pai era um homem muito respeitado e sério, os rapazes ficavam intimidados em se aproximarem delas.

Vovó e seus irmãos estudavam em casa mesmo, tinham um professor particular chamado José Sombrinha que aplicava muitos castigos físicos, inclusive a palmatória. Esses jovens tinham que decorar a tabuada e a carta de ABC sem errar nem uma letra nem um número.

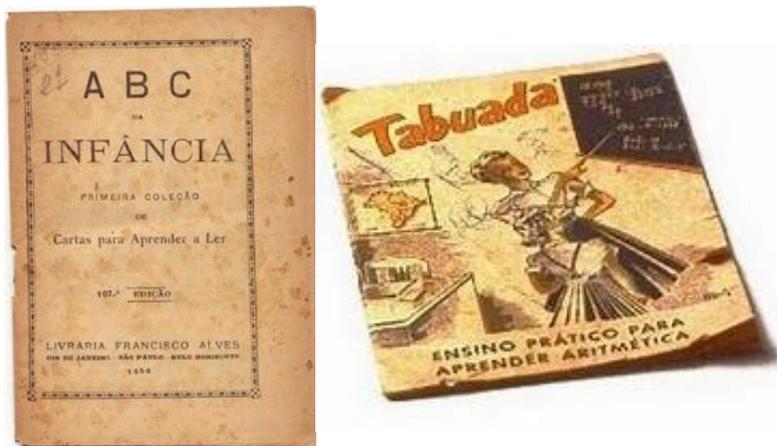


Foto 4 - Cartilha e tabuada de 1912. Fonte: Pesquisa online. Acesso - 14 fev., 2021.

Na juventude de vovó Teresa, um certo rapaz, de nome Antônio dos Santos, lhe chamou muito a atenção, ele morava no Sítio Guedes, mas esse amor era secreto, existia apenas no inocente e puro coraçãozinho dessa jovem, pois ela temia muito o seu pai e não queria desagradá-lo de modo algum.

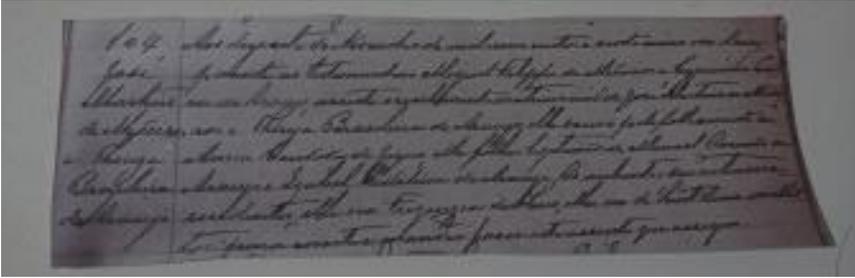
Um certo dia, o seu pai a chamou para conversar e disse: - Minha filha Teresa, dei a sua mão em casamento ao seu primo, José Martins de Medeiros, filho de José Domingos. Ele ficou viúvo e precisa muito de uma esposa para criar os seus dois filhos pequenos, Manoel e Beatriz, que precisam muito de amor, carinho e cuidados. José Martins, conhecido como Zeca Domingo, era casado com uma jovem chamada Ana Cândida de Jesus, ela era irmã de Dom José Adelino Dantas, Padre que se tornou Bispo de Caicó (Diocese de Caicó). Zeca estava tão desesperado com a morte de sua esposa que certa noite foi dormir no cemitério na esperança de poder ver a falecida esposa novamente.

Assim, diante do que ouviu de seu pai, vovó Teresa ficou pensando: - Casar com um viúvo que nem conheço direito, eu não quero isso para mim! Mas não teve coragem de falar nada para o seu pai. Foi para o seu quarto, ajoelhou-se, olhou para a imagem de Maria Santíssima e fez uma prece pedindo proteção. Em seguida, chorou muito.

Então, poucos dias depois, vovô Zeca chegou no Sítio Pimenteira, acompanhado do seu pai para pedir oficialmente a mão de vovó Teresa em casamento e já marcar a data do enlace matrimonial. Ela nem sequer falou com o seu noivo, pois ficava a distância, chorando e vendo o seu pai determinar para sempre o seu destino. Estava muito triste, mas tinha que seguir o que seu pai ordenava.

Capítulo 3

Casamento de vovó Teresa e de vovô Zeca



Fotos 5 - Certidão de casamento de Teresa Brasileira e José Martins de Medeiros.
Fonte: cedida pela paróquia de Acari-RN, por intermédio de Cristina (bisneta).

O casamento de vovó Teresa e vovô Zeca foi realizado na cidade de Acari- RN, no dia 17 de novembro de 1925, na igreja de Nossa Senhora da Guia. Na véspera do casamento, a noiva teve que sair da sua casa, no Sítio Pimenteira, montada em um cavalo, acompanhada dos seus irmãos e do seu pai. Eles pernoitaram na casa do noivo, em São Vicente. No dia seguinte, de madrugada, partiram com destino à cidade de Acari, todos montados em seus cavalos. Pessoas da família acompanhavam os noivos, dentre estas, Miguel Felipe de Medeiros, irmão do noivo e Cipriano Pereira de Araújo, que seriam os padrinhos, além de outros convidados, todos montados em seus cavalos, um cavaleiro ia na frente levando as malas dos noivos. Enquanto isso, na casa do noivo, pessoas da família e vizinhos preparavam a festa, junto com a mãe dele, a senhora Isabel (Biluca).

A noiva se preparava para o casamento. Quando ficou pronta, encantou a todos com a sua beleza e simplicidade. Ela usava um vestido branco e uma coroa de flores, mas, mesmo assim, naquele dia o seu olhar parecia triste. A cerimônia foi realizada e, em

seguida, todos retornaram para a casa do noivo. Cavaleiros e amazonas iam escoltando a belíssima noiva.



Foto 6 - Vovó vestida de noiva. Fonte: ilustração de Glória Gabrielle (bisneta).

O noivo José Martins de Medeiros estava muito elegante, usando o seu terno de casimira e seu relógio de algibeira. Era só felicidade!

Naquela época, era tradição um dos cavaleiros tentar roubar o chapéu do noivo para chegar primeiro que ele. Chegando na casa do sogro, a noiva desceu do seu cavalo, ajoelhou-se, pediu a benção do seu pai e chorou intensamente, enquanto isso, o seu pai esbanjava felicidade. A seguir, foi servido o jantar, a primeira mesa, somente para os noivos, pais e padrinhos. Esta mesa foi servida pelas moças mais jovens da família. A comida foi servida em pratos de porcelana. Dentre as iguarias, constavam: bode assado, buchada, galinha caipira guisada e carne de boi, além de arroz, farofa e um bom vinho. Ao terminar de servir a mesa dos noivos, foi servida a segunda mesa para os demais convidados, em seguida, a terceira, a quarta e assim por diante. Enquanto isso, as crianças ansiosas fizeram um grande ciclo no terreiro da casa, as cozinheiras as serviam e elas se deliciavam.



Foto 7 - Os noivos. Fonte: ilustração de Glória Gabrielle (bisneta).

Após o jantar, a noiva foi trocar o vestido do casamento por outro vestido chamado, na época, de “muda do casamento”. Depois foram todos para uma latada bem grande em frente à casa do noivo, feita com palha de coco e iluminada por vários candeeiros a óleo, o sanfoneiro começou a tocar. Assim, os primeiros a dançarem foram os noivos, em seguida, os cavalheiros e suas damas se juntaram e começaram a dançar valsa, rancheira, xote e baião, até que o sol raiou para um novo dia na vida dos recém-casados que seguiram para a sua nova morada no Sítio Saco da Luíza.

Que conflitos foram vividos por esta jovem em sua noite de núpcias com um marido que mal conhecia, além de nem saber o que aconteceria entre um homem e uma mulher após o casamento, pois era uma jovem inocente, aos 19 anos, que agora precisava assumir a responsabilidade de esposa e cuidar de duas crianças de 2 e de 3 anos que se encontravam órfãs de mãe.

As crianças eram Manoel Justiniano de Medeiros e Beatriz Dantas de Medeiros. Manoel continuou morando com seu pai e vovó Teresa até aproximadamente os 18 anos, em seguida foi trabalhar no Acre, na condição de seringueiro, e passados alguns anos, resolveu retornar à casa do seu pai, em São Vicente. Período em que conheceu uma prima, Francisca Dantas, namoraram e logo resolveram casar. Após o casamento foram morar no Sítio Cabaço, município de São Paulo do Potengi, RN, terra da sua esposa.



Foto 8 - Manoel Justino de Medeiros, enteado de vovó. Fonte: álbum de família.

Já Beatriz, saiu da companhia do seu pai ainda criança e foi morar com a senhora Jovelina de Oliveira Dantas, mãe de Dom José Adelino Dantas, estudou, trabalhou nos correios, anos depois foi morar no Rio de Janeiro onde casou e fixou residência.



Foto 9 - Beatriz Dantas de Medeiros, enteada de vovó. Fonte: álbum de família.

Capítulo 4

Casamento das irmãs de vovó Teresa

As irmãs de vovó Teresa também se casaram, Francisca, uma linda jovem de cabelos negros e pele morena, casou-se com um rapaz de nome Antônio Sebastião, ele era de Guarabira, Estado da Paraíba (Brejo). Dessa união, nasceram duas filhas - Bernadete e Maria. Dona Francisca faleceu de parto na sua terceira gestação. A criança também morreu. Foi motivo de muita tristeza, pois era uma irmã muito querida.

Poucos dias antes do falecimento de dona Francisca, um certo dia, o esposo dela saiu para trabalhar na plantação e depois de um tempo de trabalho, de repente viu sua esposa sentada em uma pedra, pertinho de onde ele estava trabalhando, não deu atenção àquela imagem e pensou: - Ela veio pegar lenha para cozinhar a nossa comida. Mas quando chegou em casa para almoçar, foi logo perguntando o que ela tinha ido fazer lá na plantação, sentada naquela pedra. Então, ela falou que não tinha nem saído de casa naquela manhã. Ele achou tudo muito estranho. Teria sido uma premonição?

Quando a irmã de vovó, Francisca, morreu de parto, deixou duas filhas, Maria com 1 ano e Bernadete com 2. Elas ficaram aos cuidados do pai (viúvo), o senhor Antônio Sebastião (Tota) e da sua tia, vovó Teresa. Pouco tempo depois, o senhor Tota casou novamente com uma jovem chamada Francisca (Chiquinha) que começou a cuidar de Maria e de Bernadete. Já ficando mocinhas, elas costumavam viajar do Sítio Pimenteira para São Vicente aos cuidados de vovó Teresa.

Com o passar dos tempos uns familiares do senhor Manoel Rosendo que moravam no Rio de Janeiro, a senhora Teresa Lopes, esposa do senhor José Lopes, ao ter conhecimento que as meninas Maria e Bernadete tinham ficado órfãs de mãe, resolveram adotar a menina Bernadete e mandaram uma senhora de nome Chica

Militão, que também fazia parte da família, pegar Bernadete na cidade de São Vicente. Então, o pai das meninas, Tota, tomou um jumento emprestado ao senhor Manoel Cicia e foi levar a sua filha para São Vicente. De lá, ela viajaria para o Rio de Janeiro e assim Bernadete ficou aos cuidados da senhora Chica Militão para seguirem viagem até o Rio Janeiro.

Desse modo, ao chegar no Rio de Janeiro, Bernadete começou logo a estudar e teve também o apoio das primas, Acira, Tonita, Aparecida e Ana Maria. Enquanto isso, a menina Maria, irmã de Bernadete, permaneceu com o pai e a madrasta. Muito jovem resolveu casar e constituir família.



Foto 10 - Sobrinhas de vovó: Bernadete e Maria. Fonte: álbum de família.

A irmã de vovó Teresa, Maria, era vista por todos como uma mulher muito forte para o trabalho. Casou-se com um rapaz da cidade de Bananeiras, do Estado da Paraíba (Brejo), chamado Jacó Amaro de Oliveira. Ela cuidava da casa, dos filhos, do cultivo da plantação e dos animais e ainda tinha tempo para pastorear as cabras. Ia a pé para São Vicente, a aproximadamente 20km de onde morava, no Sítio Cabugi.

Às vezes, ela ia sozinha, montada em um jumento que tinha um chocalho que fazia muito barulho. Quando ela ia para São Vicente a pé, trazia um cesto de bananas na cabeça para vender no Sítio Cabugi. Maria também morreu de parto, bem jovem ainda, em 1937, deixando 9 filhos órfãos.

Um dia seu irmão, José Rosendo, que também fazia esse mesmo percurso comprou um cento de bananas e colocou em um

cesto que trazia na cabeça e seguiu viagem para o Sítio Pimenteira, quando andou aproximadamente a metade do caminho, sentiu muita fome, sentou-se embaixo de uma árvore e começou a comer as bananas que estavam no cesto. Sendo que, primeiro comeu as cascas e depois os miolos. Sua barriga ficou tão cheia que quase não dava conta de subir a serra para chegar em sua casa.

José Rosendo casou com sua prima Luzia, passou por uma grande tragédia, o suicídio de uma filha adolescente. Depois foram morar no Rio de Janeiro.

Outro irmão de vovó Teresa, Raimundo Rosendo, casou com uma jovem que morava próximo ao Sítio Pimenteira e constituiu família. Já casado, foi morar com o seu tio Joaquim Lopes (tio Baé), na cidade de Cruzeta e lá permaneceu até os últimos dias de sua vida.

Conta-se, ainda, em relação à Maria, irmã de vovó Teresa, que quando ela se encantou pelo seu esposo, Jacó, um trabalhador do seu pai, Manoel Rosendo, o namoro entre os dois era sigiloso, mas com o passar dos dias Jacó desapareceu e Isabel, a mãe de Maria, começou a notar sua filha diferente. Isabel chamou Maria e falou: - Filha, o que está acontecendo com você? Maria ficou muito nervosa e começou a chorar: - Mamãe, pelo amor de Deus, me ajude! Estou grávida de Jacó, papai vai me matar! Isabel ficou desesperada.

À noite, ao deitar, Isabel criou coragem e falou para seu esposo: - Manoel, Maria está grávida de Jacó, Manoel Rosendo deu um pulo da cama, muito furioso e disse: - Você não observava as regras da sua filha, você é culpada por tudo, não vou esquecer nunca! Eu pego esse cabra, ele vai saber o que é mexer com filha de homem.

Foi uma noite horrível, em claro para ambos. Ao amanhecer, Manoel Rosendo pegou sua arma, montou em um jumento e foi em busca de Jacó, soube que ele estava trabalhando no sítio Acauã para o senhor Lino da Acauã, o pai do senhor João de Lino.

Quando Manoel Rosendo chegou no sítio Acauã avistou Jacó trabalhando, de arma em punho, imediatamente gritou: - Ei cabra, quero conversar com você, vai casar com Maria por bem ou por mal! Siga na frente, vá agora mesmo para a minha casa, vamos justar seu casamento com Maria.

Assim, Jacó saiu na frente, de cabeça baixa, Manoel Rosendo atrás, segurando sua arma e com cuidado para Jacó não fugir. Ao chegar em sua casa, Manoel Rosendo foi logo gritando para a sua filha: - Maria, venha cá. Maria chorando e tremendo se aproximou, Manoel Rosendo perguntou a ela: - Você está grávida desse rapaz? Ela respondeu: - Sim, papai. Manoel Rosendo se dirigiu a Jacó e informou: - Então, você, Jacó, vá pegar seus documentos e tome um jumento emprestado porque vamos agora a Acari colocar seus papéis na igreja para o casamento, imediatamente seguiram viagem, em pouco tempo Maria estava casada com Jacó.

Mesmo assim, apesar de tudo, o conflito entre o casal Manoel Rosendo e sua esposa Isabel continuava, ele sempre a culpava por sua filha ter casado grávida, manchado sua honra de homem. Por esse motivo Isabel foi ficando triste, sem vontade de viver, a vida não tinha mais sentido, não queria mais comer, passou a viver isolada em uma rede, não queria ver ninguém, entrou em um quadro de depressão irreversível, ficou muito fraquinha e faleceu.

Após um certo tempo que o senhor Jacó ficou viúvo, casou-se com uma senhora também viúva, conhecida por Mãe Dom. Os familiares mais próximos os tratavam por Pai Jacó e Mãe Dom.

Capítulo 5

A morte do pai de vovó Teresa

Os anos foram seguindo e vovó Teresa foi se adaptando a sua nova vida de casada, os seus filhos começaram a nascer. Sua mãe já falecida, seu pai viúvo, ficou sozinho na companhia de um neto chamado João Rosendo, que ele criava desde os 2 anos de vida e o registrou como filho. Esse neto era filho da sua filha Maria. João era um menino muito amável e da confiança do seu avô. Era o xodó da casa.

Um dia Manoel Rosendo (pai de vovó Teresa) sentiu falta de um objeto de valor e chamou João para saber se tinha sido ele que havia pegado tal objeto. O menino falou que não, mas o pai de vovó não acreditou e deu-lhe uma grande surra, bateu tanto que o menino ficou cheio de hematomas e chorando por vários dias.

Passado algum tempo, o pai de vovó encontrou o objeto, ficou muito triste com a injustiça cometida para com o seu querido João. Ajoelhou-se, e, chorando muito o abraçou pedindo perdão. João o beijou e disse: - Papai, eu o amo!

Com o passar do tempo, Manoel Rosendo foi envelhecendo e ficando doente. Sofria muito de asma, mas morreu de um problema na próstata.

No dia do falecimento de Manoel Rosendo, os seus amigos e as pessoas da sua família se reuniram em sua casa. E, muito cedo da madrugada, saíram com o corpo dele em uma rede. Os punhos da rede foram bem amarrados em um pendão de agave bem resistente para que três ou quatro pessoas pudessem pegar e não correr o risco de o corpo cair. Além das pessoas que conduziam o corpo, seguiam pessoas caminhando a pé e outras montadas em jumentos ou cavalos para irem se reveessando na condução e finalmente chegaram em São Vicente. Assim, a viagem com o corpo foi de, aproximadamente, cinco horas para chegar ao

cemitério onde aconteceu o sepultamento. Com todas as pessoas que faleciam no Sítio Pimenteira naquela época acontecia esse mesmo cortejo fúnebre.

Conta-se que antes dele morrer enterrou moedas de ouro e prata, além de algumas joias de sua esposa em um caixote embaixo de uma porteira que tinha perto do olho d'água.



Foto 11 - A porteira do olho d'água da Pimenteira. Fonte: Jailma Santana.

Depois da morte de Manoel Rosendo, aproximadamente em 1939, algumas pessoas que passavam na porteira do olho d'água, à noite, percebiam coisas estranhas, como vozes e vultos, chegando até mesmo a evitarem passar naquele lugar sozinhas.

Conta-se, também, que ele apareceu a algumas pessoas da família pedindo para que estas arrancassem a sua botija. Muitos anos se passaram e um dia apareceu um buraco no pé da porteira. Assim, entende-se que a botija foi arrancada e a alma dele teve o descanso merecido.

Capítulo 6

Adaptação de vovó Teresa ao casamento e ao nascimento dos seus filhos

Muitos anos se passaram e depois da morte do seu pai, vovó Teresa, juntamente com o seu esposo e filhos voltaram a morar na casa que morava antes do seu casamento. Começaram logo a lutar pela vida naquele antigo lugar, pois era uma mulher trabalhadora, foi criando galinhas, porcos, vacas, cultivando algodão, mamona, milho, feijão, dentre outros, pois precisavam melhorar financeiramente para proporcionar uma vida melhor aos seus filhos.

Seu esposo, vovô Zeca, gostava muito de plantar árvores frutíferas, já possuía um sítio onde colhia diversas espécies de frutas, principalmente jaca, caju e pinha. Possuía também outro sítio, conhecido como a Chã de Maria Batista, lá ele também colhia frutas.

No tempo da safra da jaca e da pinha, ele saía do Sítio Pimenteira logo cedinho, montado em seu burro de nome Pequeno, seguindo outro burro com os caçuás cheios de jacas e pinhas para vender, ia pelos sítios vizinhos, Baixa do Sítio, Barro Branco, Cinco Cantos e Sítio de Dentro, dentre outros. Só voltava à tardinha e à noite ainda tinha tempo para vigiar o seu sítio dos ladrões que costumavam roubar frutas durante a noite.

Vovô Zeca tinha a ilusão de que naquelas terras onde morava havia muito minério, por isso cavava muitos buracos em busca de pedras preciosas. Chegou até a levar algumas dessas pedras para serem analisadas por um geólogo da Mina Brejuí, em Currais Novos-RN, mas teve a triste constatação de que não se tratava de minério. Mesmo assim, continuou persistindo, mas nunca chegou a encontrar nem um minério em sua propriedade.

Vovô Zeca era um homem de muita coragem, ele fez uma promessa para conhecer o Juazeiro de Padre Cícero, no Ceará. A

promessa era para ir a pé e sozinho. Para esta viagem, ele colocou água num pequeno cabaço, uma muda de roupa numa bolsa e alimentos num saco, carne de boi assada, rapadura, farinha e uma quantia razoável de dinheiro para cobrir as despesas.

Seguiu viagem, no meio do caminho, ao cair da tarde, já sentindo muita sede, pois a água do pequeno cabaço já havia acabado. Logo adiante avistou uma casinha, bateu na porta, pediu água, saíram dois homens muito estranhos, mas deram-lhe de beber.

Ele agradeceu e saiu imediatamente, logo percebeu que estava sendo seguido, apressou os seus passos e conseguiu chegar numa curva da estrada. Muito assustado, resolveu entrar no mato para se esconder.

Ficou ouvindo os passos apressados dos homens tentando alcançá-lo e viu a sua volta uma imensa árvore, muito frondosa. Então pensou: - É aqui que vou passar a noite, subiu na árvore e ali passou a noite inteira com muito medo. Antes do sol raiar, saiu do seu esconderijo, olhando para um lado e para o outro da estrada, como não viu ninguém, seguiu viagem. Chegou no Juazeiro em 8 dias, fez sua romaria e retornou para São Vicente em um caminhão, chamado pau de arara, ao chegar da viagem festejou muito, soltando fogos de artifícios e agradecendo a Deus por estar vivo, ter conseguido se salvar daqueles homens que queriam lhe fazer mal.

Quando chegou na Pimenteira, reuniu seus netos, as crianças fizeram um círculo ao seu redor e ele narrou todos os episódios ocorridos no decorrer da longa e cansativa viagem. Seus netos ouviam curiosos, saboreando alguns docinhos que ganharam de presente do seu vovô aventureiro.

Já que a vida era muito difícil, vovô Zeca e vovó Teresa decidiram ampliar o comércio já existente e resolveram comprar uma tropa de burros. Assim, começaram uma nova luta. Nesse período, todos os seus filhos já tinham nascido. Maria (Baía), foi a primeira filha. Casou-se bem jovem com um dos seus primos (Manuel), que era agricultor. Ela cuidava somente da casa. Com o passar dos anos foram morar em São Vicente e por meio da atividade de comércio conseguiram melhorias financeiras.



Foto 12 - Primeira filha de vovó (Baía). Fonte: álbum de família.

Depois nasceram Manoel, Nazaré, Lourdinha, Margarida, João, Isabel, Salete (uma das mais belas de suas filhas) e o mais novo, Geraldo.



Foto 13 - Infância da filha mais nova (Salete). Fonte: álbum de família.

Salete, por ser sua filha caçula, era muito apegada a sua mãe e não quis sair para estudar. Por isso, era uma jovem muito protegida por todos da família, até escola particular foi paga para ela. Era uma moça que acompanhava a moda da sua época, usava até perfumes importados e joias caras. Uma mocinha muito mimada por seus pais e irmãos, mas como não quis se dedicar aos estudos, logo cedo

firmou namoro com um primo agricultor, João Vicente Neto (João Jacó) e casou com ele.



Foto 14 - Juventude de Salete. Fonte: álbum de família.

Depois do casamento, Salete dedicou-se ao esposo, aos filhos, aos bordados e também ao trabalho na agricultura.



Foto 15 - Casamento de Salete. Fonte: álbum de família.

Vovó Teresa, diferentemente de suas irmãs, nunca teve problemas no decorrer das suas gestações. Naquela época, as mulheres tinham seus filhos em casa mesmo, haviam muitas mortes de mulheres e de recém-nascidos, pois as parteiras não eram preparadas tecnicamente, elas atuavam de acordo com a

experiência adquirida ao longo da vida, é tanto que as parteiras mais velhas inspiravam mais confianças para as famílias.

No sítio Guedes, a parteira era Dona Maria Cecília (mãe Cicia), que para realizar os partos, ia montada em seu cavalo. Naquela época, era costume as mulheres passarem até 7 dias, após o parto sem tomarem um banho completo, faziam apenas um banho de asseio e também não se levantavam da cama no decorrer desses 7 dias. No sétimo dia, elas tomavam o primeiro banho, conhecido como o banho morno, sem molhar a cabeça, pois acreditavam que poderiam quebrar o resguardo e ficarem doentes para o resto da vida, o sangue poderia subir para a cabeça, provocar um derrame, chegando até a morte. Ao completar 22 dias do nascimento do bebê, elas tomavam o primeiro banho frio com direito a molharem todo o corpo.

Esse período era denominado de resguardo e todo o cuidado era pouco para que esse resguardo não fosse quebrado, ou seja, para que não houvesse nem uma complicação com a saúde da mulher.

Os bebês permaneciam todo o período do resguardo da mãe agasalhados e não podiam sair ao vento. No umbigo desses bebês era utilizado óleo de mamona num algodão que era aquecido em uma lamparina. Após tal procedimento, era colocada uma faixa de tecido bem larga e apertada sobre todo o abdômen do recém-nascido para que ele não sentisse cólicas e ficasse com o umbigo protegido até esse umbigo cair.

Quando nascia um bebê no Sítio Pimenteira, já que era comum as mulheres engravidarem todo ano, as amigas logo iam fazer visitas para conhecer o recém-nascido. Era um momento de muita alegria!

Aquelas mulheres que tinham filhos pequenos costumavam levá-los também e quando chegavam na casa da mulher que estava de resguardo iam logo conversar a respeito de como teria sido o parto. As crianças eram mandadas para fora da casa para brincarem no terreiro e, assim, não ouvirem as conversas entre as mulheres, pois essas conversas eram consideradas um grande segredo e só eram partilhadas entre mulheres porque acreditavam que se as crianças as ouvissem perderiam a inocência.

Enquanto as mulheres conversavam era servida uma bebida, conhecida como o mijo do menino ou cachimbo, que era feita com cachaça, limão e mel de abelha.

O recém-nascido não podia, de jeito nenhum, sair ao vento, tinha que ficar em sua redinha muito branca, com lindas varandas de renda, naquele tempo não existiam berços. Assim, as amigas e comadres só podiam pegar no bebê dentro do quarto mesmo.

Sempre quem vinha dar o resguardo das mulheres era uma irmã mais velha, geralmente, solteira. Durante o resguardo, o cardápio era uma galinha caipira bem cevada da qual fazia-se um pirão. Para as crianças se dizia: - Olha, um aviãozinho veio deixar este nenê para nós esta noite. As crianças olhavam curiosas pensando que o avião tinha aterrissado ali mesmo pelo telhado, muitas delas perguntavam às mães - Por que não tem nem uma telha quebrada? Já outras mães falavam para as crianças que era um passarinho, chamado cegonha, que trazia o recém-nascido em uma trouxinha de pano pendurada em seu bico. Desse modo, formava-se uma grande confusão na cabeça dos pequenos.

Com o passar do tempo, além de dona Maria Cicia, surgiu mais uma parteira muito respeitada e entendida na comunidade, uma cunhada de vovó Teresa, que mesmo já com alguns problemas de visão, conhecidos na época, como vistas curtas, tinha uma fé inabalável em Nossa Senhora, sempre invocava as bençãos e a proteção dos anjos e santos, principalmente de Nossa Senhora da Conceição de quem era muito devota e a invocava na hora que estava fazendo um parto.

Teve o caso de um parto muito complicado, era a primeira gestação da mãe, a criança estava enrolada no cordão umbilical (laçada), a mãe já não tinha mais forças e a parteira, Maria Veríssimo, juntamente com a mãe da gestante e com o esposo desta começaram a rezar o Ofício de Nossa Senhora da Conceição, quando estavam na parte do ofício em que se diz:

*Deus vos salve, relógio
Que, andando atrasado
Serviu do sinal
Ao Verbo Encarnado*

Nesse momento, a parteira e a grávida já estavam muito cansadas. O esposo e a mãe da grávida já estavam muito tristes e sem esperanças, então a parteira olhou para vovó com muita fé e esperança, disse: - Comadre, nem uma mulher ainda morreu em minhas mãos, não será a sua filha a primeira.

Logo após a oração, a criança nasceu. O nome dessa parteira é Maria Veríssimo, mas conhecida por mãe Verisse. Ela já morava na casa desta jovem mãe e continuou sendo cuidada por ela até os últimos dias de vida.

Tia Maria, obrigada pelo seu gesto de coragem e amor por ter salvado a vida daquela jovem mãe e ter dado a oportunidade de vir mais uma criança ao mundo e poder desfrutar da graça de viver!!! A senhora será eternamente lembrada em nossas vidas. Em seus últimos dias de existência Tia Maria deixou com essa criança o único bem que ela possuía, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Que é guardada com muito zelo e carinho até hoje.



Foto 16 - Maria Veríssimo. Fonte: álbum de família.

Capítulo 7

Morte prematura de alguns dos filhos de vovó Teresa

Na condição de mãe, vovó Teresa sofreu muito com a perda de alguns dos seus queridos filhos, três grandes golpes foram marcantes em sua vida.

O seu filho, Manoel Rosendo de Medeiros, faleceu muito jovem, aos 28 anos, com uma doença nunca diagnosticada pelos médicos daquele tempo. Quando faleceu estava noivo de uma jovem chamada Maria do Céu, sobrinha de Dom José Adelino Dantas, ela morava na cidade de São Paulo do Potengi, RN.



Foto 17 - Filho (Manoel). Fonte: álbum de família.

Além da morte de Manoel, teve o falecimento de sua filha, Isabel Salete de Medeiros, em maio de 1961, aos 18 anos, vítima de uma picada de serpente muito peçonhenta, cuja espécie não foi identificada. Isabel teve uma grande hemorragia e chegou até a perder a sua visão. No momento em que foi picada por tal serpente,

a jovem encontrava-se em um roçado, apanhando feijão, na companhia do seu pai e da sua irmã, Salete.

Era uma jovem muito bela e prendada, inclusive, nessa época estava preparando o enxoval do seu casamento, pois estava noiva de um rapaz chamado José Cândido do Nascimento. Ele residia no Sítio Quinquê, pertinho de São Vicente.

Seu sepultamento foi um dos mais comoventes que já se presenciou naquela cidade. Ela pertencia à comunidade religiosa Filhas de Maria. A banda de música local acompanhou o cortejo fúnebre e todos os que se faziam presente choravam pela sua partida tão repentina e precoce.



Foto 18 - Filha (Isabel). Fonte: álbum de família.

Teve também um bebê, última gestação de vovó, que quando este nasceu encantou a todos pela sua beleza. Recebeu o nome de Geraldo. Esse menino, quem o via, ficava admirado com tamanha graça.

Um dia vovó recebeu a visita de uma mulher que morava em um sítio próximo ao seu. Nesse dia, o bebê estava muito saudável e sorridente. A mulher ficou o tempo todo admirando a criança e brincando com ela em seus braços. Algum tempo depois, essa mulher se despediu e foi embora. Em seguida, o bebê começou a passar mal e morreu logo no dia seguinte, ele tinha apenas 6 meses.

Foi muito triste, um desespero só, vovô Zeca arrumou o corpinho da criança em uma telha, colocou-a em sua cabeça e seguiu para fazer o sepultamento em São Vicente.

Algumas pessoas vieram confortar a família, elas comentaram que aquela mulher que se encantou com a beleza de Geraldo, já havia se encantado com a beleza de outras crianças e o desfecho teria sido o mesmo.

Acreditava-se que tal mulher tinha algo em seu olhar que era fatal para tirar a vida de crianças e de animais pelos quais ela se encantasse. Após esse acontecimento, as mães que tinham filhos bebês quando viam essa mulher, de longe, corriam para esconder seus filhos.

Como vovó Teresa era uma mulher muito forte, determinada e tinha muita fé em Deus e uma meta de vida a seguir, com o passar do tempo foi superando essa terrível dor, mas foi muito angustiante para uma mãe suportar tudo isso.

Capítulo 8

O comércio de vovó Teresa

O comércio de vovó Teresa teve início quando ela e vovô Zeca foram a São Vicente e resolveram alugar uma pequena casa onde hoje se encontra uma praça da cidade, ela começou vendendo café e bolo somente aos sábados, dia da feira-livre. Com passar do tempo, eles acharam melhor abrirem o comércio na residência deles. Localizada na rua Manoel Higínio de Araújo, 48. A partir de então, a casa deles vivia sempre cheia de pessoas. As sobrinhas do seu esposo, filhas do senhor Miguel Felipe, que moravam no Sítio Saco da Luíza, vinham para as festas do padroeiro São Vicente e nos finais de semana a casa ficava sempre repleta de jovens.

E, assim, seguiam-se os anos, o comércio já estava bem sólido, vovô Zeca e vovó Teresa viajavam todas as sextas-feiras, saíam de madrugada, entre às 4h e 5h do Sítio Pimenteira, montados em seus burros, levavam caixotes cheios de ovos, cereais (fava, feijão, milho, farinha) e também frutas (caju, goiaba, manga, jaca, pinha, maracujá) nos caçoás. Chegavam em São Vicente ao meio dia e iam almoçar na casa de sua filha mais velha, Maria, conhecida por Baía.



Foto 19 - Vovó Teresa e vovô Zeca. Fonte: álbum de família.

Logo após o almoço, eles seguiam para a sua residência. Quando chegavam, vovó Teresa ia para a cozinha preparar os ingredientes para fazer os bolos, um dos bolos que ela fazia e era muito apreciado pelos seus clientes, era feito com leite, farinha de trigo e manteiga. Esse bolo era assado em uma forma untada com banha de porco. Além dos bolos, ela fazia também cocadas, doce de goiaba, de leite, de coco e de mamão. A sua sobrinha Anaíde que morava com ela, era considerada o seu braço direito no preparo e na venda dos bolos e doces.



Foto 20 - Sobrinha neta (Anaíde). Fonte: álbum de família.

Toda sexta-feira vovó tinha a devoção de assistir à missa, às 19h, na Igreja de São Vicente Férrer. Esse horário era sagrado. Após assistir à missa, ela voltava para casa e retomava os preparos das comidas.

Todas essas iguarias eram vendidas no dia seguinte, sábado, que era o dia em que os tropeiros (pessoas que compravam e vendiam mercadorias e as transportavam em jumentos ou burros) vinham da Serra de Santana e se hospedavam em sua casa na qual havia um rancho (curral que ficava por trás da casa) onde estes guardavam os seus animais e arreios (cangalhas, selas, coronas, cochinhos, cabrestos, pestanas, estribos, dentre outros). Após guardarem os animais e os arreios no rancho de vovó Teresa, os tropeiros iam tomar café.



Foto 21 - A mesa do café. Fonte: ilustração de Glória Gabrielle (bisneta).

O café era feito e servido por vovó Teresa, sua sobrinha, Anaíde, e a sua neta, Maria Teresa (Teca), acompanhado dos bolos feitos por elas e também de um delicioso queijo de manteiga. Após o café, os tropeiros seguiam para a feira-livre, que ocorria no mercado público municipal de São Vicente.



Foto 22 - Maria Teresa (Teca). Fonte: álbum de família.

Logo cedo chegava o senhor Severino Florentino, ele vinha entregar um queijo de manteiga que era muito gostoso, fabricado em sua fazenda. Ele era um senhor muito alegre que brincava, tirava muita prosa, com a sua comadre Teresa. Era assim que carinhosamente a tratava. Chegava também outro senhor, chamado Santino que morava no Sítio Quinquê, ele contava muitas estórias engraçadas, era solteiro e tinha muita vontade de casar.

Outro senhor que visitava com frequência o comércio de vovó, era o senhor Antônio Justino, ele era muito experiente e dizia saber o sexo do bebê que ainda estava na barriga da mãe, só em pedir para uma gestante subir três vezes em um mesmo batente de uma casa ele adivinhava. Difícil era ele errar.

Vovó Teresa tinha um fiel ajudante, era o senhor Paulino, ele a auxiliava em tudo. Muito querido, respeitado e de extrema confiança. Tinha poucas condições financeiras para criar os seus 9 filhos.

E assim o tempo corria e vovó Teresa seguia com o seu comércio, viajando todas as semanas. No domingo ela saía de São Vicente às 4h, quando o dia começava a clarear, para retornar ao Sítio Pimenteira, na Serra de Santana. Antes dela sair de São Vicente, logo cedinho, o seu amigo de confiança, Paulino, já havia arrumado todas as mercadorias nos caçuás, incluindo também os doces, embaré, chiclete, zorro, remédios (AS, anador, cibalena, melhoral, Sonrisal...), rapadura, açúcar, café, aviamentos (linha, agulha, bastidor, elástico), pente, marrafas, carretilhas, leite de rosas, águas de colônia (alfazema, alma de flores, sabonetes (lifebuay, phebo), creme dental (Kolynos), xampu, pão, bolachas, biscoitos, arroz, macarrão, óleo de comida, querosene, fumo de rolo, corda, cachaça, óleo de comida, dentre outros.

Vovó Teresa era muito querida e a sua passagem em algumas comunidades era certa (Saco da Luíza, Baixa do Sítio). No Saco da Luíza ela parava na casa da senhora Raquel Doula e da senhora Júlia de Antônio Chico. Ela era muito aguardada por seus parentes e amigos. Muitas pessoas a aguardava na beira da estrada para comprar as suas mercadorias. No percurso Sítio Pimenteira – São

Vicente, São Vicente – Pimenteira, vovó Teresa e vovô Zeca galgavam um caminho íngreme, incluindo uma ladeira muito alta.

Por isso, precisavam ter muito cuidado com as cargas e com os jumentos, pois muitos deles cansavam e muitas cargas viravam. Além do perigo de serem atacados pelos touros valentes que pastavam naquela íngreme serra. Era devoção de vovó Teresa ouvir a missa dominical em seu radiozinho a pilha que sempre o conduzia em suas viagens. Ela descia do seu burro de nome “Moreno” e ia caminhando a pé enquanto acompanhava a missa pelo rádio.



Foto 23 - Viagem de São Vicente para o Sítio Pimenteira.

Fonte: ilustração de Glória Gabrielle (bisneta).

Quando terminava de galgar a ladeira, já muito ofegante pelo cansaço, com um lenço branco amarrado em sua cabeça, usando um terno muito composto, saía comprida e casaco de mangas longas, de preferência azul marinho. Era parada obrigatória para tomar água fresca do pote de barro, num copo de alumínio e comer cocada branca na casa do senhor Manoel Raimundo.

Depois seguia viagem e a próxima parada era na casa do seu cunhado Henrique e da esposa dele, que também tinha o nome

Teresa. Ali, vendia algumas das suas mercadorias e ao mesmo tempo comprava outras, uma espécie de troca.

Depois seguia e parava na casa do senhor Adonias Paulino e, por último, na casa do senhor Elias, Cipriano. E, finalmente, chegava, já exausta, em sua residência, que era também um ponto de comércio, com venda (bodega) e casa de farinha. A venda ficava na sala. Mas as pessoas a esperava no alpendre da casa.

Ela saudava alegremente todas essas pessoas que a esperava e, em seguida, pedia licença para ir almoçar na casa da filha, Lourdinha, que ficava ao lado da sua. Muitas dessas pessoas acompanhavam vovó Teresa para almoçar, outras retornavam para a casa delas e à tarde retornavam para fazer compras (a feira da semana) e também prosear.

Outras pessoas deixavam para vir fazer suas compras e conversar somente à tarde e à noite. Assim, a casa de vovó Teresa era muito frequentada, incluindo os seus sobrinhos, primos e amigos. Enquanto isso, os seus netinhos saíam sorrateiramente para comer algumas bolachas que ficavam guardadas em um grande caixão de madeira que ficava num cantinho da sala, mas aí daquele que fosse pego fazendo tal traquinagem, pois levava um daqueles carões que ela sabia muito bem dar, pois o seu olhar já falava por si.

Um senhor de nome Bertino, muito amigo de vovó Teresa, vinha do Sítio Guedes especialmente para ajudar nos serviços da venda. Ele vinha com muita dedicação. Era de poucas palavras, honesto e muito generoso. Portanto, os pais das moças do Sítio Guedes só confiavam a guarda das suas filhas ao senhor Bertino e a sua esposa, Maria, quando iam para as festas de Natal em Santana do Matos.

Vovó Teresa também fez papel de carteiro, um representante do correio de São Vicente vinha até a sua venda pedir para ela entregar correspondências de pessoas que moravam pelos lugares por onde ela passava semanalmente em suas viagens. Também entregou correspondências amorosas, inclusive das suas sobrinhas e netas. Conta-se que quando ela ia fazer a entrega de tais cartas o seu semblante se irradiava de alegria ao ver a felicidade das netas e sobrinhas ao saberem notícias dos seus amados.

O seu ciclo de amizade era bastante amplo, entre eles, o senhor Joaquin Araújo Filho e a sua esposa dona Milka, ele era político, já foi prefeito da cidade de São Vicente, compadre Quinca, como vovó carinhosamente chamava.

Seu compadre Metódio Fernandes e a esposa dele, Comadre Biró, também faziam parte do seu grande ciclo de amizade. Ele era um homem muito generoso e foi grande cooperador para o comércio de vovó Teresa. Também foi prefeito de São Vicente e vovó sempre o acompanhava em suas campanhas políticas, ela sempre dizia: - Não tenho partido político, o meu partido é Metódio Fernandes. Vovó comprava sempre na loja do senhor Metódio, podia ter dinheiro ou não.

Fazia parte também dessas viagens comerciais de vovó Teresa um cachorro muito sapeca chamado Bloy. De raça não definida, era grande, de cor branca, com manchas marrons, um lindo animal! Pertencia aos seus netos. Bloy era a alegria das crianças!

Um dia quando iam viajando para São Vicente, ao chegar no sítio Saco da Luísa, o cachorro viu um rebanho de ovelhas, correu atrás do rebanho, latindo muito. Vovó ralhou com ele e as ovelhas foram embora.

No domingo, de volta para a Pimenteira, na subida da serra, depois que passou do Saco da Luísa, vovó notou que Bloy estava ficando para trás, cambaleando, ela voltou e foi ver o que estava acontecendo com o cachorro de estimação da família.

Nesse momento, percebeu que o cachorro tinha sido envenenado por alguém. Com muita dor no coração, vovó viu seu amigo animal morrer ali mesmo na sua frente. Ela imediatamente pensou: - Meu Deus! Como vou dar essa notícia aos meus netinhos que estão me esperando?

Ao chegar na Pimenteira, as crianças foram logo perguntando, vovó cadê Bloy? O que aconteceu? Ele sempre chegava ofegante com a língua de fora, abanando o seu rabinho, na frente dos burros das cargas. Vovó emocionada e chorando muito, respondeu: - Aconteceu uma desgraça, nosso cãozinho morreu! Foi uma choradeira só, muitas lamentações por parte dos pequenos e revolta por parte dos adultos,

pois Bloy era um animal muito amado, tanto que atualmente ainda é lembrado por alguns dos seus netos.

Havia também na família um cão carteiro, ele pertencia ao senhor Miguel Domingo, irmão de vovô Zeca. Esse cachorro era muito inteligente, um cão de guarda muito amado.

Certo dia, um dos filhos de Miguel Domingo se encontrava na serra de Santana, sítio Umarizeiro, onde residia com sua família. O cachorro da família se encontrava com ele, o rapaz passou mal e não tinha como avisar a sua família que estava em viagem para o Saco da Luísa. Então, ele teve a ideia de colocar um bilhete na coleira do cachorro e mandou o animal de estimação ir deixar no Saco da Luísa. O cachorro foi, quando chegou lá ficaram todos surpresos e assim quando precisava informar algum acontecimento colocava-se a carta ou bilhete em sua coleira e o cachorrinho seguia a viagem para fazer a entrega. Foi também um animal inesquecível para toda a família.

Vovó também era uma noveleira de carteirinha, em suas viagens da Pimenteira a São Vicente, ela gostava de ligar seu radiozinho, que sempre o levava para ouvir, além das missas e das notícias, as radionovelas que passavam no horário de suas viagens. Quando chegava no Saco da Luísa, na casa de Júlia de Antônio Chico, que era uma parada certa para vender suas mercadorias, ali começava a radionovela e ela ia ouvindo até chegar na parada da casa do seu cunhado, Miguel Domingo. Ali, ao terminar o capítulo, ela desligava seu radiozinho, sempre muito atenta com o que tinha acontecido com sua personagem preferida da estória.

Capítulo 9

A vida profissional de algumas das filhas de vovó Teresa

O senhor Metódio conseguiu trabalho para uma filha de vovó, Nazaré, era uma jovem muito gentil e educada. Ela via a luta de seus pais para sobreviver e pensando em oferecer uma vida melhor para eles viu a possibilidade de conseguir o seu primeiro emprego. A jovem Nazaré costumava dividir com os seus pais o seu salário, ela tinha também muita vocação para o comércio. Essa sua experiência junto ao comércio do senhor Metódio a direcionou para garantir um futuro muito promissor nessa área.



Foto 24 - Prefeito Metódio Fernandes. Fonte: álbum de família.

E foi também o senhor Metódio quem conseguiu que a sua filha Lourdinha passasse a ser efetivada como professora do Estado

do Rio Grande do Norte. Lourdinha sempre foi muito estudiosa e como queria se aprimorar em seus estudos, foi estudar em Acari. Ela ficou hospedada na residência da senhora Iracema Brandão, que era uma professora muito notória em sua carreira e pertencia à família de vovó Teresa. Lourdinha fez o curso de admissão e quando terminou ficou desempregada.

Então, o seu primo, Manoel Jacó, sabendo que ali naquela comunidade, ela era a única pessoa que estava apta a ensinar, tomou a iniciativa de ir à cidade de Santana do Matos, juntamente com o Senhor José Faustino, para pedirem ao prefeito daquela época, o senhor Aristóфанes Fernandes, que ele criasse uma escola para que as crianças do sítio Pimenteira tivessem a oportunidade de estudar.

Só o senhor Manoel Jacó naquele período já possuía 12 filhos e muitos dos filhos dele já estavam na idade de frequentar a escola. Essa reivindicação felizmente foi aprovada.



Foto 25 - A professora Lourdinha. Fonte: álbum de família.

Assim, começou a surgir a escola tão sonhada pelos pais, por dona Lourdinha e pela comunidade. Dona Lourdinha começou a alfabetizar as crianças em um quarto que havia na casa de sua mãe, chamado armazém. Não foi fácil a sua jornada enquanto professora, precisava assistir frequentemente reuniões em Santana do Matos, que

fica a aproximadamente 23km do Sítio Pimenteira. Ia a cavalo e, muitas vezes, a pé, galgava uma serra muito alta, seu salário estava sempre atrasado, passava de 6 meses a até 1 ano sem receber



Foto 26 - Ladeira da Serra de Santana. Fonte: Roseane Trindade.

Como ela ainda era muito jovem, quando os seus pais viajavam ficava aos cuidados de um casal, de muita confiança deles, O senhor Manoel Limão e a sua esposa, Francisca Limão. Esse casal ajudou bastante na criação e nos cuidados de todos os filhos de vovó Teresa. Em retribuição aos cuidados com os seus filhos, vovó os ajudava financeiramente. Mesmo assim, por ser uma jovem muito persistente, Lourdinha não desistiu da sua meta e continuou a ensinar aquelas crianças na esperança de que elas conseguissem conquistar um futuro digno e próspero.

Para haver mais socialização entre os seus alunos, dona Lourdinha organizava uma espécie de teatro, que naquela época era conhecido como “Drama”, envolvia os alunos e também as pessoas da comunidade.

As roupas e as ornamentações vinham de São Vicente, eram cedidas por professoras que também trabalhavam a arte em suas escolas. Montava-se um palco, com uma imensa tábua que fazia

parte da casa de farinha de vovó. Nesse palco, eram realizadas as apresentações de peças, incluindo até comédias.

Uma dessas apresentações que fez um imenso sucesso teve a participação de Neci, filha de Antônio Sebastião, representando a matuta que queria matricular a sua filha na escola. Depois de alguns anos, outra aluna que teve muito destaque pela sua simpatia e desenvoltura nas apresentações das personagens, foi Alice, filha de Manoel Jacó, que era uma afilhada muito querida de Lourdinha.

Além dos “Dramas”, dona Lourdinha organizava também na escola datas comemorativas, 7 de setembro (nessa data ela recebia a visita de alunos e professoras de outras escolas mais próximas), Dia das Mães (declamações de poemas, apresentações de peças teatrais, entrega de presentes às mães, almoços, lanches, danças, sorteios e desfiles), Dia dos Pais, seguindo a mesma programação, Festas Juninas e o Dia das crianças, envolvendo inúmeras brincadeiras.

Após muitos anos, foi construído o grupo escolar, em 1966, que recebeu o nome de Escola Municipal Manoel Rosendo, antes era nomeado como Escola Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Após passar a pertencer à rede estadual de ensino, foi denominada de Escola Isolada de Guedes.



Foto 27 - Escola Manoel Rosendo. Fonte: Roseane Trindade.

Essa mudança de nome ocorreu para que fosse feita uma homenagem ao fundador do Sítio Pimenteira, Manoel Rosendo de Araújo. Anos depois, a filha de dona Lourdinha, Marlene, tornou-se professora e passou também a lecionar nessa escola.



Foto 28 - A professora Marlene e alguns dos seus alunos. Fonte: álbum de família.

Em seguida, sua prima Marilene, iniciou as suas atividades, auxiliando dona Lourdinha e com o passar dos anos também passou a ser professora efetiva da escola.





Foto 29 - A professora Marilene e alguns alunos da Escola Manoel Rosendo.
Fonte: álbum de família.

Essa humilde escola sempre recebeu muitos elogios da comunidade pelo brilhante desempenho dos professores e alunos, pois lá havia um elevado nível de alfabetização e aprendizado, saindo dela alunos que conseguiram bons trabalhos, hoje uns já estão aposentados, outros conseguiram dar continuidade aos estudos, chegando até mesmo a conquistar o título de doutorado.

Há também outros que se tornaram professores, assistentes sociais, aqueles que conseguiram excelentes empregos, outros deram continuidade aos estudos, tornando-se pedagogos, contadores, educadores físicos, engenheiros agrônomos, médicos veterinários, advogados, administradores, biólogos, químicos, zootecnistas, fisioterapeutas, dentre muitos outros profissionais. Dos habitantes da Pimenteira, quem não estudou nessa escola? Esta formou várias gerações, pais, filhos, netos e até mesmo bisnetos.

Além do trabalho dedicado ao ensino e à aprendizagem das crianças e jovens, as professoras, dona Lourdinha, dona Marlene (filha) e dona Marilene (prima) também se dedicavam ao trabalho religioso, todos os anos preparavam um grupo de crianças, na faixa etária dos 7 aos 8 anos, para receberem a primeira eucaristia. Além de prepararem as aulas de catecismo, acompanhavam as crianças para a celebração da missa, algumas eram celebradas em capelas das comunidades próximas, no Sítio Umarizeiro (senhor José Geraldo), Sítio Guedes (senhor Maneiro), outras vezes, quando não

havia missa nessas comunidades, a missa era celebrada na escola do Sítio Pimenteira mesmo.



Foto 30 - As professoras Marlene e sua mãe, dona Lourdinha, acompanhando um grupo de alunos da Escola Manoel Rosendo na Primeira Eucaristia.
Fonte: álbum de família.

Na época de grandes secas dona Lourdinha costumava, com muita fé e esperança, reunir seus alunos para fazerem orações e, em seguida, deslocavam-se até a capela do Guedes para agoar o Cruzeiro. De modo que cada aluno levava uma garrafinha com água e, por incrível que pareça, sempre chovia quando o Cruzeiro era agoado.



Foto 31 - Capela do Guedes. Fonte: Roseane Trindade.

Também fizeram parte do corpo docente da Escola Manoel Rosendo as professoras Socorro Paulino, Maria José da Trindade, Maria de Fátima Lima, Maria Anastácia, Zaíra, Marlene Bezerra e Francisca Maria de Oliveira.

Devido ao Êxodo Rural, a Escola Manoel Rosendo foi desativada em 2006, passando a funcionar no Assentamento Acauã, com a seguinte denominação Escola Municipal Professora Maria Antonia de Lima.

Na década de 70, os habitantes do Sítio Pimenteira tiveram a oportunidade de conhecer uma televisão em preto e branco, que foi comprada pela professora Lourdinha, já que a maioria dos moradores daquele lugar nunca tinham visto uma TV.

Foi um grande acontecimento para aqueles moradores, os jovens começaram a ir todas as noites assistir às novelas, mas também iam crianças e adultos. A casa ficava cheia de pessoas. Elas achavam aquilo uma coisa extraordinária, nunca vista antes.

Lá pela década de 80 foi construído um centro comunitário para os jovens da comunidade do Sítio Pimenteira. Assim, eles

puderam desfrutar de uma televisão e de uma quadra de esportes onde eram realizadas festas e jogos de futebol, principalmente. Foi colocado também um orelhão para melhor comunicação entre os moradores daquela comunidade.

Eram oferecidos também aos jovens e a outras pessoas da comunidade cursos de capacitação, entre estes, como ganhar dinheiro utilizando técnicas para investir em produtos da região, por exemplo, o caju.

Capítulo 10

Amor de vovó Teresa aos seus netos

Vovó Teresa amava muito os seus netos, ficava feliz ao vê-los brincando de rodas e fazendo muitas travessuras. Uma de suas netas, que tinha uma irmã bem menor. Essa irmãzinha tinha olhos azuis e cabelos loiros e bem cacheados, uma verdadeira bonequinha. Um certo dia, essa neta maior teve a ideia de tocar fogo nos cabelos da irmã menor. Riscou um fósforo e o jogou em cima dos lindos cachos da irmã. Por sorte, os adultos perceberam em tempo e cuidaram imediatamente de apagarem as chamas.

Nos dias de chuva, era uma algazarra só. As crianças corriam na chuva e iam tomar banho em um barreiro bem fundo, denominado pelos seus netos de o barreiro de vovó. Depois iam olhar a enchente do olho d'água, trazendo, assim, muitas preocupações para os seus pais e para a sua avó.



Foto 32 - Enchente do olho d'água. Fonte: Roseane Trindade.

Em outros momentos, subiam em um pé de Angico que tinha na frente da casa de vovó Teresa para colher resina e comer.

Enquanto isso, dois dos seus primeiros netos, filhos de Baía, eram crianças especiais, apresentaram uma doença que os médicos da época não conseguiram esclarecer um diagnóstico preciso. Essas crianças tinham uma aparência muito envelhecida para a idade delas. Com o avanço da medicina, podemos pensar, hoje, que se tratava de uma doença chamada Hutchimson Galford Progeria, em que uma criança com 10 anos tem a aparência de uma pessoa de 70.

Dizem que Raimundo, uma dessas crianças especiais, ao se tornar um rapazinho, quando morria alguém em São Vicente, ou sofria um acidente, ele ia a pé, andava aproximadamente 1 km, esperar vovó que vinha do Sítio Pimenteira, para dar a notícia em primeira mão. Ele gostava muito de brincar com os brinquedos bonitos e caros que ganhava dos seus pais.

A irmã de Raimundo, Fátima, também tinha o mesmo problema, e também possuía muitas roupas e brinquedos bonitos e caros, pois os seus pais dispunham de boas condições financeiras, eles eram comerciantes.



Foto 33 - Fátima. Fonte: álbum de família.

Um dia o pai de Fátima viajou e quando chegou lhe entregou uma caixa, dentro dela havia uma linda boneca que dormia. Ela tinha olhos azuis e cabelos cacheados. Foi um momento de felicidade a entrega da boneca! As primas de Fátima nunca tinham visto uma boneca tão bela. Cada uma que quisesse pegar a boneca e brincar. A casa ficava cheia de crianças só para conhecer a encantadora boneca.



Foto 34 - A boneca de Fátima. Fonte: ilustração (Online)

De tanto brincarem com a boneca, ela foi mudando, seus lindos cachos foram arrancados e suas pernas quebradas. Um certo dia terminou indo parar no lixo. Então, uma das primas de Fátima pegou a boneca e ficou maravilhada, levou-a para a sua casa e assim realizou o seu grande sonho de possuir uma verdadeira boneca que fosse sua e pudesse brincar sozinha com ela.

Enquanto suas primas que moravam no Sítio Pimenteira só brincavam com bonecas de pedra, sabugos e até mesmo bruxinhas de pano velho improvisadas. Suas primas, mesmo com toda humildade, faziam batizados, aniversários e até casamentos de suas simples bonecas embaixo de árvores (juazeiros, angicos, algaroba, catingueira e aveloz).

Vovó Teresa gostava tanto de agradar aos seus netos que quando era o período de festa do Padroeiro, São Vicente Férrer, saía com alguns deles. Colocava todos nos caçuás e seguiam viagem com aquelas crianças montadas nos burros. A foto apresentada, a seguir, demonstra essa tradição. Nela, estão o seu filho, João, acompanhando dois dos seus netos.

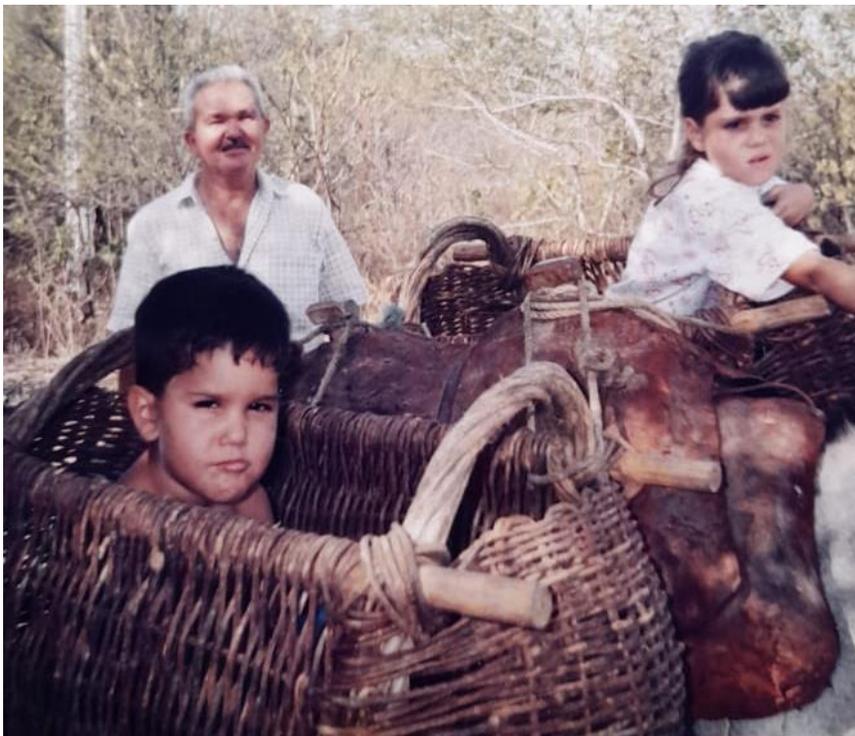


Foto 35 - Tio João e dois dos seus netos. Fonte: álbum de família.

Na festa, vovó comprava doces, dentre estes alfenins, e as crianças ficavam disputando os formatos dos mesmos (patinhos, bonequinhas, cavalinhos, zebrinhas, gatinhos...), depois iam saboreá-los na maior felicidade. Corriam para os carrosséis, montavam nos cavalinhos e ficavam ouvindo o sanfoneiro tocar. Era muito gratificante para vovó ficar observando os seus netos tão felizes.



Foto 36 - Alguns dos netos de vovó Teresa. Fonte: álbum de família.

Quando era Natal, vovó ia acompanhada de seus netos visitar o presépio na igreja, ali ela explicava a importância da Sagrada Família na vida das pessoas. Na noite de Natal, pela madrugada, os netos já todos dormindo em suas redinhas, vovó Teresa colocava doces embaixo da rede de cada um deles. No outro dia, quando as crianças acordavam, ela dizia: - Olha só embaixo da sua redinha o que Papai Noel veio trazer para vocês!

Num ano em que a seca era muito intensa, no final da tarde, vovó Teresa resolveu rezar uma novena, convidou seus vizinhos mais próximos, sobrinhos, filhos e netos para rezarem essa novena.

Pedirem a misericórdia divina em virtude de tanto sofrimento para as pessoas e até mesmo para os animais, em virtude da falta de água.

Após as orações fizeram uma procissão ao redor da sua casa. E à noite, inesperadamente, o tempo se preparou para chover, foi uma chuva tão intensa que deu para encher boa parte dos reservatórios de água. Enquanto isso, vovó Teresa agradecia a Deus pela benção recebida.

Nesta mesma noite, um dos seus netos adoeceu e teve fortes convulsões, os pais dele ficaram desesperados e foram correndo chamar vovó para ajudá-los naquele momento de aflição. Ela chegou e começou a acariciar a cabeça daquela criança e, como não dispunham de nem um recurso médico, começou a orar. Vovó pensou e imediatamente fez uma simpatia, mas o seu neto nunca poderia saber.

No desespero, vovó colocou um prego debaixo da rede do seu neto, queimou a camisa que ele estava usando naquele momento. Um tempo depois dessa simpatia, o menino foi melhorando, mas mesmo assim, no outro dia bem cedinho, o pai da criança imediatamente viajou para São Vicente e foi fazer uma consulta com um senhor chamado Pedro Saldanha que, naquela época, era quem medicava as pessoas doentes, pois ainda não existiam médicos formados que atendessem naquela cidade.

Após tomar a medicação prescrita por esse senhor, o menino aos poucos foi se recuperando. Havia também, naquela época, no Sítio Baixa do Sítio, outro senhor de nome Alonso Honorato, que prescrevia medicamentos. Outros netos de vovó também foram medicados por ele. Hoje, essa prática é conhecida como charlatanismo.

Outra situação de desespero vivida por vovó Teresa e sua família, foi quando uma das suas netas de apenas sete anos, à noite, andando dentro de casa, foi picada por uma serpente peçonhenta, da espécie salamanta. Na comunidade em que moravam ainda não existia o soro antiofídico, por isso, o seu pai saiu desesperado para o Sítio Umarizeiro, a cavalo, levando, dentro de uma lata, a serpente que ele havia matado, para identificar à qual espécie pertencia.

No Sítio Umarizeiro, somente um senhor de nome José Geraldo, um grande comerciante, vendia o soro antiofídico. Ao chegar nesse sítio, o pai da criança chamou o comerciante e este veio prontamente atendê-lo, mas infelizmente, naquela noite, não havia o soro em seu comércio. Então, o pai da criança ficou mais desesperado ainda e a única solução para salvar sua filha que tinha poucas horas para que o veneno não se espalhasse pelo corpo, foi sair galopando para chegar o mais breve possível à cidade de São Vicente.

Enquanto isso, na casa de vovó Teresa as orações continuavam. Chegando em São Vicente, o pai da menina conseguiu o soro e regressou imediatamente para o Sítio Pimenteira, mas não tinha quem aplicasse o soro na menina. Ele teve que ir em busca do seu primo João Rosendo, que morava próximo para que ele aplicasse o soro em sua filha. Isso feito a vida da criança foi salva.

Mais um fato marcante vivido por vovó em relação aos seus netos, foi quando uma de suas netas, ainda bebê, com apenas seis meses, adoeceu e no Sítio Pimenteira não tinha um médico que pudesse dar assistência, vovó a levou para São Vicente, logo cedo preparou os burros para a viagem e colocou a bebezinha quase morta em um caçuá forrado com alguns lençóis, seguiram viagem, junto ia a sua filha, a mãe da bebê, chorando e rezando, pedindo a Deus compaixão pela vida daquela inocente criança, levaram até uma vela e uma caixa de fósforo, pois tinham certeza que a bebê não chegaria com vida e, assim, caso a menina não resistisse, acenderiam a vela e a colocaria na mãozinha da pequena, mas para surpresa de todos sua netinha resistiu a viagem e chegou com vida em São Vicente.

Mesmo assim ainda encontraram um grande problema, nesse dia não tinha médico na cidade que pudesse atendê-la, então a única solução foi ir à farmácia para que ela pudesse ser medicada. Felizmente, aos poucos, a bebê foi se recuperando e ficou curada, há quem diga que foi um milagre.

Outro fato marcante vivido por vovó, foi quando uma das suas netas ainda muito pequena, com aproximadamente 5 anos, fez ela pensar muito a respeito do sobrenatural.

Essa menina tinha uma madrinha que a amava muito, o nome da madrinha era Luzia e o do esposo era Pedro. Esse casal não tinha filhos e a senhora Luzia dedicava todo o seu amor a essa menina, sua afilhada.

Essa senhora era uma mulher muito prendada, fazia rendas para enfeitar os vestidos da sua afilhada e também a presenteava com toalhas bordadas e com bicos de renda.

Além dos citados presentes, a senhora Luzia também colocava galinhas para engordar e dar de presente a sua afilhada. Levava ainda bacias cheias de ovos para a menina e os pais dela.

Com o passar dos anos, a senhora Luzia foi ficando doentinha e morreu. A morte dela foi motivo de muita tristeza para vovó Teresa e toda a família.

Após a morte da senhora Luzia, a menina, sua afilhada, sempre perguntava a mãe onde estava a sua madrinha e quando ela vinha os visitar.

Certa noite, enquanto todos dormiam, ouviu-se gritos da menina: - Papai, mamãe, olhem, madrinha Luzia está aqui sorrindo para mim. Ela veio me visitar. A menina gritava e chorava desesperadamente.

O pai da menina ficou muito chateado e disse que não tinha ninguém ali e que ela tratasse logo de voltar a dormir. Então a menina ficou muito triste e inquieta, mas logo cedinho, no dia seguinte, foi procurar vovó para contar o ocorrido no decorrer da noite. Vovó ouviu atentamente a menina e, em seguida, a confortou, conversaram e a menina se acalmou.

Depois dessa conversa com a sua pequena neta, vovó Teresa chamou o genro e a filha para dar uns conselhos a eles. Disse que eles dessem mais atenção à menina, a ouvissem e conversassem mais com ela, pois tratava-se de um assunto muito delicado para uma criança.

Passados alguns dias, ao voltarem de São Vicente, à noite, vovó, seu genro, sua filha e a menina que foi procurar a sua avó para

conversar sobre a madrinha. Todos vinham montados nos burros e conversavam alegremente, enquanto a menina estava montada em uma cangalha em meio a uma carga do burro que ia na frente.

Quando passavam em frente a uma cruz de uma menina que tinha morrido naquele local, a netinha de vovó gritou: -Mamãe, papai, vovó, madrinha está perto daquela cruz sorrindo para mim. Ela está usando um vestido azul bem comprido e um pano branco na cabeça. Antes que o pai da sua neta falasse alguma coisa, vovó Teresa falou: - Vamos rezar para a sua madrinha, ela vai ficar muito feliz.

Todos começaram a rezar, com pouco tempo a menina falou em voz alta: - Ela foi embora. Adeus madrinha Luzia! Essa foi a última vez que tal fato aconteceu.

Hoje, já idosa, a neta de vovó Teresa ainda lembra com muito carinho de sua madrinha, a lembrança dela será eterna em sua vida.

Outra grande provação vivida por vovó foi quando sua filha Lourdinha, grávida de sete meses, entrou em trabalho de parto antecipadamente. Vovó por ser uma mulher já bem experiente, de imediato, resolveu levá-la para a cidade de São Vicente.

Assim, vovó, logo bem cedo, ajeitou seu jumentinho de viagens para transportar a sua filha em busca de ajuda médica, pois ali não existia carro para transportá-las. Elas seguiram viagem, Lourdinha foi montada em um jumentinho e vovó a acompanhou a pé, levando as bolsas.

Foi uma longa caminhada, era só sofrimento, Lourdinha sentia muitas dores e já sangrava, ela chorava muito, enquanto vovó a confortava, dando-lhe força para continuar e chegarem até São Vicente. As horas iam passando, Lourdinha não aguentava mais ir montada no burrinho e falava: - Mamãe estou muito mal, não vai dar tempo chegar em São Vicente. Mas vovó sempre com sabedoria repetia: - Força minha filha! Deus está aqui conosco, ele vai te ajudar. Coragem em nome de Jesus!

Já muito debilitada com tanto sofrimento, Lourdinha pedia para ir caminhando a pé mesmo e quando via que não ia suportar, montava novamente no burrinho. Assim, passaram horas de agonia. Depois de cinco horas de viagem, finalmente chegaram ao destino

pretendido e Lourdinha foi imediatamente encaminhada para a cidade de Currais Novos, que era onde havia hospital e médico que pudesse atendê-la. Ao chegar em Currais Novos, ela foi submetida a uma cesariana de urgência, mas infelizmente perdeu seu bebê, restando apenas uma grande tristeza, pois era um filho muito esperado, tratava-se de um menino e Lourdinha queria muito esse filho, mas Deus deu a oportunidade e em outra gravidez veio um filho muito saudável para alegria dela e de toda a sua família.

Além dos acontecimentos narrados em relação aos netos de vovó, vários anos após a sua morte, um trágico acidente, ocorrido no dia 05 de novembro de 1995, marcou profundamente a vida da sua família. Nesse acidente, duas das suas netas e uma sobrinha partiram para a eternidade.

“Eu sou a flor do campo e a açucena dos vales.”.
Cântico dos cânticos (2,1).



Foto 37 - Netas e sobrinha (*In memoriam*). Fonte: álbum de família.

Somos gratos a Deus pelos Dias que ele permitiu desfrutarmos das suas companhias, ouvirmos suas gargalhadas, vermos os seus sorrisos, as brincadeiras, o amor, a alegria e o afeto que nos foi dedicado. Vocês permanecerão eternamente em nossos corações!

Capítulo 11

Amigos mais próximos de vovó Teresa

À noite era comum aparecer vários amigos para conversar embaixo do alpendre da casa de vovó Tereza. Ali eles proseavam e tomavam café. Uma das pessoas que vinha todas as noites era o senhor Elias, esposo da sua sobrinha Maria. Casal pelo qual vovó tinha muito afeto. Na lateral da casa de vovó tinha uma casa de farinha que foi construída ainda pelo seu pai, Manoel Rosendo, antes de falecer.

Ali, as pessoas das redondezas vinham fazer farinha (farinhadas), com isso, a noite se tornava muito animada, principalmente por um senhor chamado Pinga Fogo que era quem torrava a farinha. Ele era sempre muito engraçado. Ainda é vivo, tem mais de cem anos atualmente. Quem também ajudava a torrar a farinha era o senhor Enoque, que apesar de faltar alguns dedos de uma das suas mãos, era muito trabalhador. Tinha também um senhor de nome Severino Ramo, que vinha do Sítio Acauã somente para contar estórias de trancoso e provocar o riso nas pessoas.

Trabalhava também na casa de farinha e nos roçados de vovó Teresa o senhor Raimundo Maciel, conhecido como Raimundo de Dom e o seu filho, José Maciel, que ajudava ao seu pai a manter o sustento dos seus irmãos. Além deles, havia o senhor Virgílio e os filhos dele que também trabalhavam na casa de farinha e nos roçados.

Tinha também um grande amigo de vovó, o senhor Manoel Rodrigues, que todas as tardes vinha tomar café na casa dela. Chegava montado em seu burro, a galope e falando que à noite tinha conversado com uma negra chamada Midais e ela não pertencia a esse mundo. Depois ficava gargalhando e imitando essa mulher, personagem fictícia, imaginada por ele.

Era costume, também, aparecer, em sua casa, uma figura um pouco estranha, dona Luzia, conhecida por “Luzia doida”, era uma mulher negra, bem parruda, que andava descalço e tinha a sua cabeça raspada por ela mesma, parecendo até uma monja. Suas vestes eram trapos velhos e sujos. Ela carregava na cabeça uma trouxa muito suja de moafos e tinha muito ciúme daquela trouxa.

É como se estivesse escondendo algo ali. Ninguém chegava perto da trouxa e se algum engraçadinho tentasse se aproximar era atacado por violentas pedradas. De longe se ouvia os seus lamentos, depois ela ficava como se estivesse folheando um grande livro. Pedia comida e só queria comer carne, comia a carne que lhe era dada, mesmo que fosse crua. Por pagamento da comida, varria os terreiros das casas.

As crianças quando a via, corriam, chorando e com muito medo. Conta-se que ela era uma jovem saudável e até trabalhava como doméstica na casa de um fazendeiro na cidade de Santana do Matos, chamado João Ferreira, pai do senhor Tomé Ferreira, lá ela conheceu um rapaz chamado João Bezerra, que se apaixonou por ela. Como não foi correspondido, ficou muito indignado e falou: - Não casa comigo, mas vai pagar caro por essa desfeita. Dias depois, Luzia resolveu sair da casa do fazendeiro e foi morar na casa de um senhor chamado Chinete, ela foi ficando diferente, só queria viver isolada, dentro de uma rede, não queria comer, ver ou falar com ninguém. Por isso, entrou em desespero, fechou-se para o mundo e chegou a tal condição.

Sabendo da situação de dona Luzia, o seu irmão, o senhor Manoel Limão, foi buscá-la para morar com ele no Sítio Guedes e, a partir de então, ela saía todos os dias para fazer visitas nas casas da vizinhança e pedir comida.



Foto 38 - Dona Luzia, conhecida por “Luzia doida”.

Fonte: ilustração de Glória Gabrielle (bisneta).

Entre as melhores amigas de vovó Teresa, podemos citar, a senhora Josefa Maria da Conceição, casada com o senhor Miguel Felipe, irmão de vovô Zeca. Tia Josefa era uma amiga que sempre esteve presente na vida de sua comadre, vovó Tereza, nos momentos alegres e também nos momentos tristes. Era uma mulher muito bondosa e o seu carinho pelas pessoas encantava a todos. Havia sempre um sorriso em seu rosto e o que mais ela gostava de fazer era ajudar aos mais necessitados. Tia Josefa, um anjo bom que habitou essa terra.



Foto 39 - Tia Josefa. Fonte: álbuns da família.

Também faziam parte do ciclo de amizade de vovó, dona Edite, dona Antônia Faustino, dona Maria de João Bento, dona Eunice de João Rosendo, dona Maria do Guedes, dona Severina de Maneiro, dona Maria Cecília, dona Nena Rodrigues, dona Luzia de Duca, dona Lelê Barbosa, dona Mimososa, dona Alzira de Benigna e suas irmãs, dona Severina de Manoel Vicente, dona Dina Salu, dona Rita Salu, dona Maria Bola, dona Maria de Mananã, dona Maria Alfredo e dona Donzela, dentre outras.

Capítulo 12

A páscoa na casa de vovó Teresa

Na época da páscoa, as mulheres que moravam na vizinhança vinham à casa de vovó Teresa, Tetê, como era chamada carinhosamente pelas amigas e amigos, pois naquela época, no Sítio Pimenteira e em toda a vizinhança, somente na sua casa existia um forno a lenha para assar bolos. Ela recebia aquelas mulheres com muita alegria, carinho e atenção. Entre essas mulheres, duas se destacavam, dona Maria de Gudia e dona Anedina, elas chegavam ainda no final do dia da terça-feira da Semana Santa, traziam grandes feixes de lenha na cabeça e já bem cedinho, no dia seguinte, quarta-feira, conhecida como a quarta-feira de trevas, colocavam a lenha no forno e iam logo preparando as massas para os bolos, pé de moleque assado na palha da bananeira, bolo de macaxeira, de goma, de ovos, biscoito de leite, sequilhos, dentre outros.

À medida que iam assando os bolos e os biscoitos, era aquele alvoroço das crianças para lamberem as palhas de bananas que eram usadas para assar os bolos de milho. Quando tiravam todos os bolos do forno, dona Maria de Gudia os guardava em um quarto para ninguém mexer e ainda fechava a porta com chave.

Após os bolos e os biscoitos assados, as senhoras Maria de Gudia e Anedina iam embora, levando cada uma, sua bacia de bolo na cabeça. Em seguida, chegavam outras mulheres da vizinhança com suas massas para fazer os seus bolos, também. Assim terminava o dia e, muitas vezes, iam até o decorrer da noite.

Também na quarta-feira da Semana Santa, enquanto a avó, as amigas, as mães, as tias, se dedicavam a fazer os bolos e biscoitos e outras guloseimas, as crianças e os adolescentes aproveitavam para darem uma fugidinha e, escondidas, irem tomar banho nos barreiros. Nesse dia, por tradição, não se tomava banho, pois diziam que as

pessoas que tomassem banho, cometiam pecado e poderiam até ficar entrevadas, era comum as crianças e adolescentes receberem muitos carões, puxões de orelha e até surras com cipós de marmeleiros, por fugirem escondidas para tomar banho.

Vovó Teresa fazia uns biscoitos, chamados sequilhos, que só ela sabia o ponto certo. Esses biscoitos eram feitos com goma, açúcar e leite de coco. Eram muito saborosos! Depois de prontos, ela os colocava em saquinhos para presentear os seus afilhados que na Sexta-feira Santa vinham lhe pedir a benção.

Era tradição vovó reunir toda a sua família na Sexta-feira Santa para cearem juntos. Nesse dia, considerado como um “Dia Grande”, Sagrado, as mulheres de nome Maria não penteavam os cabelos, as casas não eram varridas até o meio dia, ninguém podia dizer um palavrão, não tirava leite das vacas, não se matava nem uma galinha para comer. Nesse dia, a comida era peixe e os adultos faziam jejum, só os idosos, as crianças, as mulheres grávidas e que estavam amamentando não jejuavam.

Já no sábado de Aleluia, era outra tradição, da qual vovó Teresa não fazia parte, algumas pessoas da comunidade, dentre estas, homens jovens e adultos, se reuniam para roubar galinhas e mandarem torrar para beberem com cachaça e assim rompiam a aleluia.

Era comum fazerem um boneco de pano, saírem desfilando com ele pelas redondezas, enquanto roubavam as galinhas e cerravam alguns senhores idosos, ato denominado “cerrar os velhos”, esse ato, como diziam na época, era cantar uma embolada para um senhor específico para que este ficasse com muita raiva e, enquanto isso, outros homens iam aos poleiros das galinhas para roubá-las. Tudo isso acontecia a partir da meia noite da Sexta-feira Santa.

Um caso que chamou muito a atenção foi quando uns homens foram cerrar um certo senhor, esse se armou de foice e tentou agredi-los, momento em que todos ficaram com muito medo e fugiram mato a dentro. Conta-se que muitos dos homens chegaram em suas casas com as roupas rasgadas e o corpo ferido.

Enquanto em outra situação, foi totalmente ao contrário, quando foram cantar uma embolada para um certo senhor este a achou muito

bonita e, de dentro da sua casa, começou a confirmar o que cantavam ao seu respeito e dizia: - Podem cantar, meus filhos! Assim, não houve nem uma oposição ao que os homens diziam, ou seja, quebrou-se a tentativa de afrontar e eles resolveram ir embora para encontrarem outro senhor para que pudessem perturbá-lo.

Capítulo 13

A construção do tanque de vovó

Havia um grande problema no Sítio Pimenteira, a falta d'água, pensando muito em sua família e nos seus vizinhos, vovó Teresa viu que seria possível ter um local para poder armazenar a água da chuva, pois as águas dos barreiros quando iam secando ficavam impróprias para o uso e não serviam nem para lavar roupas. As filhas de vovó e sua nora, acompanhadas das netas pequenas iam lavar roupas muito distante a mais de 2 léguas. Saíam de madrugada com uma carga de sacos de roupas sujas, até o Sítio Umarizeiro, algumas vezes, iam ao Sítio Acauã, e, em outras, precisavam ir mais longe ainda, era para Tanques Pretos, município de Florânia. Elas passavam o dia inteiro lavando roupas e só chegavam em casa no início da noite. A comida era apenas rapadura, bolacha seca e farinha. Era muito sofrimento!

Diante de tal situação, vovó resolveu construir um grande tanque em um rochedo muito elevado que ficava perto de sua casa. O tanque ficou conhecido como o tanque de Tetê de Zeca.

Lá, as crianças gostavam muito de brincar e escalar a grande pedra, além de caçar passarinhos e preás. Um dia elas tiveram um grande susto ao perceberem uma enorme serpente que era conhecida na região como cobra de veado. Acreditavam que uma criança poderia ser engolida por tal serpente. Por isso, as crianças correram muito assustadas e foram pedir ajuda ao senhor Luiz Jacó (Lula Jacó), que prontamente as ouviu e veio matar a serpente.



Foto 40 - Tanque de vovó. Fonte: Jailma Santana.

Com a construção do tão sonhado tanque, durante o inverno tinha-se água limpa para a lavagem de roupas. As mulheres da vizinhança chegavam e lavavam roupas o dia inteiro, enquanto os homens carregavam água limpa em barris para beber em suas casas. Foi também nesse tanque que vovó ensinou a algumas de suas netas lavarem roupas para que estas ficassem bem limpinhas e cheirosas. Ela orientava lavar primeiro as roupas brancas, em seguida, as roupas mais pesadas e sujas e, por último, as roupas mais leves. Todas separadas conforme a cor e o nível de sujeira.



Foto 41 - Quaradouro do Tanque de vovó. Fonte: Jailma Santana.

À medida que as roupas eram passadas em dois sabões, eram levadas para o quaradouro para ficarem limpas e cheirosas, em seguida, na mesma ordem de lavagem, eram enxaguadas, as brancas eram passadas no anil. Por último, eram colocadas para secar em cima das pedras mesmo, colocando-se em cima das roupas pequenas pedras para protegê-las do vento. Ai de quem não lavasse as roupas seguindo as suas orientações, pois precisava lavá-las novamente, algumas de suas netas até choravam, pois além do cansaço, precisavam carregar a água do tanque em baldes e latas até a bacia grande, usada para colocar a água aos poucos e ir lavando as roupas.

Os baldes e as bacias eram feitos de zinco, já as latas eram reutilizadas, pois aproveitavam-se as latas de querosene da venda e colocava-se um pedaço de madeira na boca da lata para ficar melhor de pegar e esta não se fechasse e escorregasse das mãos. Era horrível quando uma lata ou uma bacia furava, pois a água acabava ligeirinho e precisava de mais trabalho ainda para carregar a água,

além do desperdício da água, algo que não podia acontecer por se tratar de um bem tão essencial e precioso.



Foto 42 - Penhasco onde fica o Tanque de vovó. Fonte: cedida por Jailma Santana.

Capítulo 14

A devoção de vovó Tereza a Nossa Senhora



Foto 43 - Antigo Apostolado da Oração. Fonte: Paróquia de São Vicente Férrer.

Vovó Teresa era uma mulher muito caridosa, gostava muito de ajudar aos mais necessitados. Católica, pertencia ao Apostolado da Oração, da paróquia de São Vicente Férrer, da qual o pároco era o Cônego Stanislaw Piechel, polonês, que batizou e casou os seus filhos e muitos dos seus netos. Devota de Nossa Senhora, era assinante do mensageiro do Coração de Jesus. Recebia os exemplares mensalmente e deixava-os acessíveis as outras pessoas, filhas, sobrinhas, netas, afilhadas, comadres, amigas.

Uma de suas netas era leitora assídua, gostava quando chegava um novo exemplar para ela ler atentamente, desse modo, serviu como motivação para a sua formação leitora. Os mensageiros foram muito

utilizados para a aquisição de leitura de suas netas e das crianças da vizinhança, até mesmo como fonte de leitura para a Escola Municipal Manoel Rosendo. Além dos mensageiros, vovó trazia também para o Sítio Pimenteira um exemplar de um Jornal, que era chamado a folhinha dominical da Igreja.



Foto 44 - Mensageiro do Coração de Jesus - Edições Loyola. Acesso em - 26 jan, 2021. Fonte: ilustrativa (online).

Era sagrado, vovó Teresa com muita devoção, reunir a família, as comunidades dos Sítios Pimenteira, Guedes e Cabugi, além de outras comunidades mais distantes. Todas as noites do mês de maio rezavam o terço. Pessoas de diversas faixas etárias participavam (crianças, jovens, adultos e idosos).

Antes de iniciar as novenas, as crianças brincavam de rodas, tica-tica, tô no poço, passa o anel, academia, dentre outras brincadeiras que faziam parte da vida das crianças naquela época. Os jovens paqueravam, enquanto os adultos e idosos tomavam café e proseavam. No último dia do mês de maio acontecia o encerramento das novenas, conhecido como o “derradeiro de maio”.

Preparava-se um lindo altar, inicialmente era realizado no armazém da casa de vovó, onde teve início a escola, depois passou a

ser realizado na área da Escola Manoel Rosendo, conhecido como o “grupo”. Sua única nora, Toinha, era quem, inicialmente, se encarregava da ornamentação do altar, ela era uma jovem muito talentosa e prendada, vinda de uma família tradicional da cidade de Cruzeta. Seus bordados e costuras encantavam a todos, sua fama de boa costureira correu depressa pelas redondezas e logo adquiriu uma fiel clientela, chegando a costurar até mesmo vestidos de noivas. Suas criações eram elogiadas pela beleza e simplicidade.

Casada com João, filho muito querido de vovó Teresa. Um jovem pai que buscava na agricultura uma forma de proporcionar uma vida melhor para os seus filhos. Anos depois ele migrou com sua família para a cidade de São Vicente e se tornou um notável comerciante.



Foto 45 - Tio João e parte da sua família. Fonte: álbum de família.

As crianças da escola disputavam quem iria coroar a Santa (Nossa Senhora da Conceição), geralmente eram meninas entre 5 e 6 anos, uma delas fazia a coroação, enquanto outras seis ficavam ao seu redor, cantando o seguinte refrão:

Recebe também Maria,
Esta coroa de flores
Que trouxe pra vós mãe Pia
E os anjos dão louvores



Foto 46 - A coroação de Nossa Senhora da Conceição. Fonte: álbum de família.

Esse era um momento de muita fé e emoção tanto para aquelas crianças que ali se apresentavam quanto para os seus pais e familiares que orgulhosamente as assistiam.



Foto 47 - O altar de Nossa Senhora da Conceição. Fonte: álbum de família.

Após a novena e a coroação da Santa, todas as flores utilizadas para ornamentar o altar no decorrer do mês eram queimadas, na presença de todos os participantes, em uma fogueira que era montada no centro do terreiro da casa de vovó. Enquanto as pessoas lançavam flores na fogueira, cantavam um hino mariano.

Em seguida, iniciava-se o tradicional leilão, que era gritado pelo sobrinho de vovó, Luiz (Lula Jacó), sua palavra de ordem era: - Quem mais botara, mais tirara! À medida que ia apresentando as ofertas também dizia: - Dou-lhe uma... dou-lhe duas... dou-lhe três! E digo o nome do freguês!



Foto 48 - Lula Jacó. Fonte: álbum de família.

Muitas ofertas eram doadas para o leilão no último dia de novena. Dentre estas, galinhas, ovelhas, bodes, carneiros, bebidas, bolos, brinquedos, cachos de coco, bibelôs, bijuterias, peças de roupa. Todo o dinheiro arrecadado era doado por vovó à paróquia de São Vicente Férrer, na cidade de São Vicente.

Marilene, filha de sua sobrinha Maria, foi uma das colaboradoras para a realização desse evento. Vovó sempre pedia que quando partisse dessa vida, sua filha Lourdinha continuasse com essa forte devoção e assim foi feito.

Hoje, a imagem de Nossa Senhora da Conceição que fazia parte desse evento, encontra-se com uma das suas netas que a guarda como uma lembrança muito especial daquela vó tão dedicada a amar a Deus e seguir os seus ensinamentos, principalmente o amor ao próximo.



Foto 49 - Imagem de Nossa Senhora da Conceição. Fonte: álbum de família.

As moças preparavam-se muito para essa noite. Usavam as suas mais belas roupas e algumas namoraram pela primeira vez, dentre estas uma de suas netas. Outras iniciaram os namoros, umas delas até firmaram namoro e chegaram a casar.

Era um festejo tradicional e muito esperado naquela comunidade e região. Vinham pessoas de cidades próximas, São Vicente, Lagoa Nova, Santana do Matos e Florânia.

Capítulo 15

A juventude e o casamento de algumas das netas de vovó

Passaram-se os anos e os netos de vovó já crescidos, alguns deles já haviam casado, mas sempre mantendo o amor, o carinho e o respeito pela querida e respeitada avó. Ela costumava admirar as netas e conversar muito com elas. Dava muitos conselhos para que soubessem conviver com o que acontecia com as mulheres nessa faixa etária e pensassem bem, soubessem escolher os seus futuros esposos. As suas netas costumavam sentar na calçada da sua casa, ouvindo-a e comentando o que acontecia no momento com cada uma delas.



Foto 50 - Casamento de duas das netas de vovó Teresa. Fonte: álbum de família.

Outra orientação dada por vovó era que suas netas sempre obedecessem aos seus ensinamentos, principalmente aquelas que tinham namorados e estavam hospedadas em sua casa, sob seus cuidados, e gostavam de namorar na calçada da igreja, ela determinava o horário de suas netas voltarem das festas, também não gostava de receber a visita dos namorados delas em sua casa. Por isso, todas seguiam os seus conselhos.



Foto 51 - Algumas das netas de vovó Teresa. Fonte: álbum da família.

Algumas das netas e netos de vovó Tereza gostavam muito de aventura, alguns deles se aventuraram inúmeras vezes a visitarem uma exuberante cachoeira que existe entre o Sítio Pimenteira e o Sítio Guedes. Essas aventuras eram motivo de muita preocupação para vovó.

Conta-se que aproximadamente em 1915 havia uma grande falta de água na região e o único lugar na comunidade onde ainda existia um pouco de água era nessa cachoeira.

O lugar é muito perigoso para se ter acesso, só aquelas pessoas que têm coragem de enfrentar desafios conseguem chegar até lá. Dizem que um rapaz negro, que morava nas proximidades, para não morrer de sede junto com os seus pais e irmãos, resolveu sair sozinho em busca de água. Pegou dois barris e seguiu para a citada cachoeira. Encheu o primeiro barril, colocou-o em suas costas e subiu o penhasco, mas ao tentar subir com o segundo barril, escorregou e caiu lá embaixo. Por esse motivo ele veio a óbito e a partir desse trágico acontecimento, a referida cachoeira ficou conhecida como a Cachoeira do Negro.

Atualmente, os jovens que gostam e querem viver uma grande aventura, arriscam-se a visitar a bela e misteriosa cachoeira, haja vista toda a beleza e mistério que a envolve compensar todo o esforço daqueles que se aventuram chegar até lá.



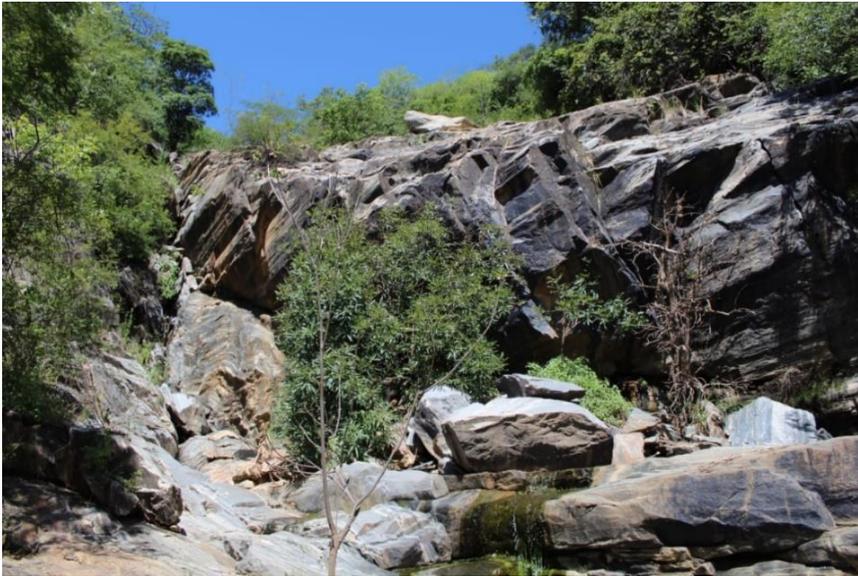


Foto 52 - A cachoeira do Negro. Fonte: Roseane Trindade.

Capítulo 16

A partida de vovó para a eternidade

Chegou um certo tempo em que vovó tinha muitas crises de asma. Passava muito mal, chegava a ficar sem ar. Quando isso acontecia as suas filhas ficavam muito preocupadas, passavam a noite ao redor da sua rede, abanavam o rosto dela, faziam chás e passavam unguento no seu tórax, cabeça e nariz. Ficavam à noite inteira rezando, observando e cuidando dela com muito amor.

Mesmo assim, quando passava a crise, ela voltava a sua rotina diária. Ao ficar viúva, seu neto Damião, filho da sua filha Margarida, foi morar com ela, a ajudava, acompanhando-a em suas viagens. Margarida é uma das filhas que semelhante a vovó sempre trabalhou na agricultura e na criação de animais. Aos sábados vinha do Sitio Juremal para São Vicente vender miudezas junto com o seu esposo, Arnaldo, no mercado público, esta era uma maneira de proporcionar uma vida melhor para os seus filhos.



Foto 53 - A filha Margarida (Guida). Fonte: álbum de família.

A filha de Margarida, Socorro, foi a única neta que seguiu a mesma rotina de vovó, pois para ajudar no sustento da família, atualmente vende frutas, doces, galinhas, ovos... e viaja do Juremal, com seu burrinho carregado com os caçuás cheios de mercadorias, toda semana, para vender na feira-livre em São Vicente.

Tinha também uma menina (Dalvani), que morava na casa da filha de vovó, Lourdinha. Dalvani também acompanhava vovó nas viagens para São Vicente. Quando iam subindo a serra, que vovó Teresa ficava para trás, ela costumava comer cocadas escondida, enquanto esperava terminar de subir a ladeira. Era uma menina sapeca e ao mesmo tempo cativante, era conhecida como “a menina de Marlene”, isso provocava ciúmes por parte de algumas primas, mas mesmo assim, vovó tinha muita estimação por ela.



Foto 54 - Dalvani (A menina que viajava com vovó Teresa).

Fonte: álbum de família.

Seus filhos já estavam envelhecendo, mas ela ainda tinha muita preocupação com os estudos dos seus netos. Sempre motivando-os a não pararem os seus estudos, mesmo que surgissem obstáculos, pois só assim teriam um futuro de sucesso.



Foto 55 - Vovó e alguns dos seus filhos já idosos. Fonte: álbum de família.

Vovó ainda chegou a conhecer alguns dos seus bisnetos, demonstrando um grande amor por eles.



Foto 56 - Primeiros bisnetos de vovó. Fonte: álbum de família.

Quando a idade foi avançando, vovó não podia mais viajar, pois não conseguia montar em seu querido burrinho de nome “Moreno”, portanto passou a viajar no burrinho menor de todos, chamado “Pequeno”, precisava da ajuda de uma cadeira para conseguir montar. Além disso, já nem conseguia fazer os seus deliciosos doces, mas mesmo assim, os seus últimos dias de vida

foram sempre carregados de amor, carinho e dedicação aos seus familiares e amigos, mantendo sempre a lucidez.

O tempo foi passando e a doença foi tomando conta do seu frágil corpo, até que foi descoberto um problema muito grave em seu pulmão, uma inflamação na pleura (pleurisia). Com isso, o seu corpo já fragilizado não resistiu ao agravamento da doença e ela veio a óbito no dia 28 de junho de 1987, véspera de São Pedro, deixando para os seus amigos e familiares o exemplo de uma mulher guerreira que sempre soube lutar pelos seus interesses, pois nunca deixou se abater pelas tristezas que a vida lhe proporcionou.

Esperamos que os seus descendentes possam ler este livro e refletir sobre a história de vida dessa grande mulher que deixou um legado de dedicação, honestidade, amor, humildade, resiliência e devoção. Por isso, o seu amor é eterno para todos nós!

Após a sua partida, por ser considerada uma pessoa muito respeitada e amada em São Vicente e com a criação de uma lei municipal, vovó Teresa foi homenageada nomeando uma rua.



Foto 57 - A rua Teresa Brasileira de Medeiros. Fonte: álbum de família.

A família de Teresa Brasileira de Medeiros tem como origem uma Índia que foi pega a casco de cavalos nas bandas deste imenso sertão potiguar nordestino.

Capítulo 17

Descendência de vovó Teresa e vovô Zeca

**DESCENDÊNCIA DE TERESA BRASILEIRA DE MEDEIROS E
JOSÉ MARTINS DE MEDEIROS**

MARIA BRIGIDA DE MEDEIROS – 08.10.1926 A 06.04.2012
E **MANOEL GABRIEL DE MEDEIROS** – 18.08.02.1926 A 05.10.2009
DESCENDENTES:

RAIMUNDO – *in memoriam*

FÁTIMA – *in memoriam*

JOSE AUGUSTO DE MEDEIROS – *in memoriam*

ESPOSA - APARECIDA ALVES DE MEDEIROS

FILHA - PATRICIA ALVES DE MEDEIROS

- PRISCILA ALVES DE MEDEIROS

TARCISIO MEDEIROS

ESPOSA - MARIA TAZIA DE ARAUJO

FILHA - CAMILA SAMILLE ARAUJO DE MEDEIROS

ESPOSO - SERGIO...

FILHO - MIGUEL ...

- TULIO CICERO ARAUJO MEDEIROS

ESPOSA - DANIELE...

LUIZ MEDEIROS

ESPOSA - VALDETE CARVALHO MEDEIROS

FILHAS - TEREZA CRISTINA DOS SANTOS MEDEIROS

ESPOSO - CARLITO GRAZIANNE DE MEDEIROS

FILHA - IZABEL REJANE DOS SANTOS MEDEIROS

FILHO - GUSTAVO HENRIQUE DOS SANTOS MEDEIROS

- RUANA CARVALHO MEDEIROS

ISABEL REJANE DE MEDEIROS – *in memoriam*

FRANCISCO ASSIS DE MEDEIROS

ESPOSA - INÁCIA...

FILHO - MARCOS VINICIOS ALVES DOS SANTOS

JOÃO PAULO DE MEDEIROS – 26.06.1936 a 23.09.2008 E

ANTONIA MARIA DE MEDEIROS

DESCENDENTES:

**ÉLIA MARIA MEDEIROS DE MARIA ESPOSO - JOSE VANDER
ARAUJO DE MARIA**

FILHO - OTAVIO HENRIQUE ARAUJO DE MARIA

ESPOSA - ANDRESSA SILVA DE MELO LULA DE MARIA

**FILHOS - DAVI MELO LULA DE MARIA - LUCCA MELO LULA
DE MARIA**

FILHA - ANNE CAROLINE MEDEIROS DE MARIA

ANA MARIA DE MEDEIROS – *in memoriam*

JOSE AUGUSTO DE MEDEIROS – *in memoriam*

MARIA JOSE MEDEIROS

FRANCISCO BEZERRA NETO

FILHA - ANA LUIZA MEDEIROS BEZERRA

FRANCISCO MEDEIROS

ESPOSA - MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA MEDEIROS

FILHOS - JOÃO PAULO OLIVEIRA MEDEIROS

GABRIEL VICTOR OLIVEIRA MEDEIROS

AGENOR UMBERTO DE MEDEIROS

ESPOSA - MARIA ADRIANA DE ARAUJO

FILHO - GUSTAVO HENRIQUE BEZERRA DE MEDEIROS

JOÃO MARIA DE MEDEIROS

ESPOSA - PATRICIA SOARES DE MARIA MEDEIROS

**FILHA - AMANDA SOARES DE MEDEIROS
FILHOS - JOÃO PEDRO SOARES DE MEDEIROS
- JOÃO VITOR SOARES DE MEDEIROS**

**RAIMUNDA EDEUZA MEDEIROS ALMEIDA
ESPOSO - BRAULIO JOSE DE ALMEIDA
FILHA - MARIA LUIZA MEDEIROS DE ALMEIDA**

**ISABEL SALETE MEDEIROS BARBOSA
ESPOSO - GERALDO BARBOSA DE MEDEIROS
FILHA - LARISSA BARBOSA DE MEDEIROS**

GERALDO MAGELA DE MEDEIROS – IN MEMORIAN

**PAULO DE MEDEIROS
ESPOSA - MARIA JOSE DE MEDEIROS DANTAS
FILHO - PAULO HENRIQUE DANTAS DE MEDEIROS**

**-
MARIA NAZARETH DE MEDEIROS 06.03.1938 a 17.01.2007 – E
PEDRO BARBOSA DE MEDEIROS**

DESCENDENTES:

**JOSÉ UMBERTO DE MEDEIROS
ESPOSA - IVANILDE MATIAS XAVIER DE MEDEIROS
FILHAS - LUDIMILA MATIAS XAVIER DE MEDEIROS
- LAISSA MATIAS XAVIER DE MEDEIROS**

**GERALDO BARBOSA DE MEDEIROS
ESPOSA - ISABEL SALETE DE MEDEIROS BARBOSA
FILHA - LARISSA BARBOSA DE MEDEIROS**

**MARIA IONE DE MEDEIROS PINHEIRO
ESPOSO - EDNILSON PINHEIRO BORGES
FILHOS - RICARDO CESAR DE MEDEIROS PINHEIRO
- MARCELO CESAR DE MEDEIROS PINHEIRO**

LUZIA MARCINA DE MEDEIROS
ESPOSO - JOSÉ MARIA PEREIRA LOPES
FILHO - NICOLAS MEDEIROS LOPES

MARIA SALETE DE OLIVEIRA – 28.10.1944 E JOÃO VICENTE
NETO – 06.10.1945

DESCENDENTES:

MARIA DO SOCORRO OLIVIERA

MARIA ISABEL DE OLIVEIRA (*In memoriam*)

MARIA DE FATIMA OLIVEIRA GOMES

ESPOSO - JORGE KLEBER DE OLIVEIRA GOMES

FILHAS - GLORIA GABRIELLE DE OLIVEIRA GOMES LOPES

ESPOSO - THYAGO CHRYSTIANN DA SILVA LOPES

GEORGIA ELOÍSE OLIVEIRA GOMES

JOSE CARLOS DE OLIVEIRA

ESPOSA - MICHELLE TAIANA DE OLIVEIRA

FILHOS - CARLOS HENRIQUE DE OLIVEIRA

THIAGO DANIEL DE OLIVEIRA

FILHA - THALITA DANIELY DE OLIVEIRA

FRANCISCO DE ASSIS DE OLIVEIRA

ESPOSA - ALINE CRISTINA PINHEIRO RIBEIRO OLIVEIRA

FILHOS - MARIA ISABEL PINHEIRO RIBEIRO OLIVEIRA

RAIMUNDO TEIXEIRA DE CARVALHO OLIVEIRA

MARIA DAS VITORIAS DE OLIVEIRA DA ROCHA COSTA

FILHA - MARIA CECILIA SALETE DE OLIVEIRA DA ROCHA
COSTA

GERALDO AMARO DE OLIVEIRA

**MARIA DE LOURDES DA SILVA - 06.09.1933 A 30.10.2020 E
SEVERINO SABINO DA SILVA**

DESCENDENTES:

MARLENE DE FATIMA SABINO SILVA

ESPOSO - JOSE CESAR DA SILVA

FILHO - PEDRO HUGO SABINO DA SILVA

MARIA TEREZA DA SILVA

ESPOSO - DIVINO PEREIRA DE SANTANA

FILHOS - CRISTIAN ALEXANDRE SANTANA

MARCELO PEREIRA DE SANTANA

ESPOSA - MARIA DAS GRAÇAS DE MEDEIROS SANTANA

FILHAS - MONISE GRAZIELE DE MEDEIROS SANTANA

- MAELE DE MEDEIROS SANTANA

ROBERTO CESAR DE SANTANA

ESPOSA - SORAIA GISLAINE GOMES

FILHOS - BERNARDO GOMES SANTANA

JOSÉ VICENTE DA SILVA - *in memoriam*

ANTÔNIO DE DEUS SILVA

ESPOSA - MARIA GORETE DE SANTANA SILVA

FILHOS - JOÃO PEDRO DE SANTANA SILVA

- DIEGO RAFAEL SILVA

ESPOSA - ELÃINE GABRIELE DA CUNHA MACEDO

FILHOS - DANILO RAFAEL MACEDO SILVA

- ENZO GABRIEL MACEDO SILVA

RAIMUNDA MARLI DA SILVA

ESPOSO - NUNO EURICO FERREIRA DA SILVA

MARGARIDA MARIA DA COSTA – 27.11.1934 E ARNALDO

MARTINS DA COSTA – 11.11.1924 A 07.07.2014

DESCENDENTES:

JOSE ELIAS DA COSTA

JOSE MARIA DA COSTA – IN MEMORIAN

DAMIAO ELOI MARTINS DA COSTA
ESPOSA - CELINA MARIA DE ARAUJO
FILHAS - DAMIANA MARTINS DA COSTA
DAYANE MARTINS DA COSTA
MARIA DO SOCORRO DA COSTA GOMES
ESPOSO - FRANCISCO GOMES
FILHO - FERNANDO GOMES
ESPOSA - MARIA DANTAS PINHEIRO
FILHO - FELIPE GOMES PINHEIRO

FRANKLIN GOMES
ESPOSA - DALIANE BRITO
FILHOS - DAVI LUCAS GOMES
DAFNI LUIZA GOMES

FRANCENILDO GOMES
FRANCINALDO GOMES
FRANCINEIDE GOMES

MARIA APARECIDA DA COSTA OLIVEIRA
ESPOSO - CLAUDIONOR BORGES DE OLIVEIRA
FILHOS - CLAUDIO HENRIQUE COSTA DE OLIVEIRA
ELIAS MANASSES BORGES

PAULO MARTINS DA COSTA – *in memoriam*

ANEXOS

ENTREVISTAS

Entrevista concedida pela neta Maria Teresa da Silva. Ela foi morar com vovó aos 10 anos.

1. Qual o significado da sua avó em sua vida?

Um ser que veio à terra com a missão de nos deixar uma vasta lição de vida. Fazendo com que eu melhorasse enquanto pessoa.

2. Como foi a sua convivência com a sua avó?

Foi maravilhosa! Uma pessoa que sempre me ofereceu amor e carinho.

3. Quais os conselhos que você sempre ouvia da sua avó?

Respeitar o próximo. Falar sempre a verdade. Ser honesto, humilde. Amar a Deus.

4. Que exemplo de vida sua avó deixou para você?

A sua própria história.

5. Quais as lembranças mais marcantes deixadas por sua avó?

Seu olhar que quando nos observava já demonstrava o que estava pensando, o sorriso, a bondade.

6. O que você achou da ideia de escrever esse livro? Por quê?

Ótima! Por meio deste livro outras pessoas poderão conhecer a história de vida da minha avó.

Entrevista concedida pela sobrinha neta, Maria Anaíde de Oliveira Gomes. Ela foi morar com vovó aos 16 anos, mas desde os 10 já a acompanhava em suas viagens.

1. Qual o significado da sua avó em sua vida?

Tetê significou tudo de melhor na minha vida e na vida de muitas outras pessoas. Sem os seus ensinamentos acho que eu não seria capaz de ter vencido tantos obstáculos ao longo da minha caminhada, principalmente os bons exemplos que nos dava como mãe, avó, tia, madrinha, comadre, amiga e trabalhadora.

2. Como foi a sua convivência com a sua tia?

Muito boa e de muita confiança. Serei eternamente grata pelo tempo que passei ao seu lado.

3. Quais os conselhos que você sempre ouvia da sua tia?

Os melhores possíveis. Tenho certeza que muito do que pratico até hoje, falar sempre a verdade, não levantar falso, não ter medo de enfrentar dificuldades, não querer nada de ninguém, assumir os erros que por ventura pratiquei, tratar bem as pessoas e respeitar, principalmente os mais velhos.

4. Que exemplo de vida sua tia deixou para você?

Sinceridade, honestidade, perseverança, caridade, valentia, coragem e fé. A forma bonita de tratar as pessoas, principalmente os filhos.

5. Quais as lembranças mais marcantes deixadas por sua tia?

A forma de ajudar as outras pessoas, pois nunca mediu esforços para levar conforto aos outros, servir aos mais necessitados, levando comida, remédio e boas notícias ao povo. Nunca praticava violência, sempre resolvia as situações de forma pacífica e, às vezes, ela dizia que só resolveria algo depois que a raiva passasse porque não é bom resolver nada com raiva. A lembrança dela mais forte é a fé e a pontualidade da prática da oração. Exemplo - todo sábado de madrugada, às 3h, ela rezava o Ofício de Nossa Senhora. Às 17h ia assistir à missa e levava todos que estavam em sua companhia para a igreja.

6. O que você achou da ideia de escrever esse livro? Por quê?

Muito boa. Para que a lembrança de Tetê seja sempre recordada por todos.

Entrevista concedida por sua afilhada Lindalva Cândido Bezerra. Uma jovem que foi morar na casa de vovó em 1985 para estudar.

1. Qual o significado da sua madrinha em sua vida?

Madrinha Tereza significou muito em minha vida, pois me acolheu em sua casa para que eu pudesse dar continuidade aos meus estudos.

2. Como foi a sua convivência com a sua madrinha?

Foi harmoniosa, pois nos dávamos muito bem. Combinávamos em tudo.

3. Quais os conselhos que você sempre ouvia da sua madrinha?

Era que eu estudasse bastante porque só temos algo na vida através do estudo. E que eu só andasse com pessoas honestas.

4. Que exemplo de vida sua madrinha deixou para você?

O exemplo que ela me deixou foi de uma boa mãe, amiga, companheira, guerreira e trabalhadora. Não media esforços para ajudar às pessoas que conviviam com ela.

5. Quais as lembranças mais marcantes deixadas por sua madrinha?

Do acolhimento às pessoas nos dias de feira livre e no período da festa do padroeiro São Vicente, pois nesse período as pessoas que vinham da serra, Sítio Pimenteira, Cabugi, Umarizeiro, Guedes, Baixa do Sítio, Cinco Cantos, Santana do Matos se hospedavam em sua casa.

6. O que você achou da ideia de escrever esse livro? Por quê?

É de suma importância, pois quem não a conheceu terá a oportunidade de conhecê-la por meio de pessoas que conviveram com minha Madrinha Tereza. Ela foi muito amiga da minha mãe, Maria Edite Bezerra, por isso foi escolhida para ser minha madrinha de crisma. Eu sempre tive muito respeito e admiração por ela.

Vovó Teresa

Mulher corajosa, forte e determinada.

Pedimos com gratidão para a sua história ser registrada!

Conseguiu viver tantos anos, mesmo diante de tantas dificuldades.

Agiu sempre com nobreza diante das adversidades.

Seguiu sempre com humildade.

Enfrentou muitas lutas e decisões precisaram ser tomadas.

Mas o seu amor pela família e amigos nunca foi abalado.

Nem também a sua fé em Deus e em Nossa Senhora. Cuidou com zelo dos seus filhos, em extensão aos netos e aos bisnetos.

Cumpriu sua trajetória nesta terra, com devoção a Deus e à Imaculada Conceição.

Sabedoria, paciência e muito amor no coração, deixou um grande legado para a sua geração.

E nunca esqueceu de cuidar dos mais necessitados.

Subiu ladeiras, negociou, criou galinhas, cuidou de casa de farinha e também de plantações, incluindo milho, feijão, mamona e algodão.

Em busca de dias melhores para a sua geração.

Ah, vovó, como é doce te amar e recordar a sua nobre missão!

Agora, convidamos a todos para conhecer, folhear, ler o seu livro e, juntos, apreciarmos a sua trajetória e infinita lição.

